



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA-UEPB
CENTRO DE EDUCAÇÃO
DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA
CURSO DE LICENCIATURA PLENA EM HISTÓRIA**

ANA CAROLINA DE ARAÚJO MARINHO

**NO MEIO DO CAMINHO TINHA SOLEDADE: MEMÓRIAS E
SENSIBILIDADES - A CONSTRUÇÃO DA ESTRADA DE RODAGEM E A
CHEGADA DA BR- 230.**

**CAMPINA GRANDE- PARAÍBA
2014**

**NO MEIO DO CAMINHO TINHA SOLEDADE: MEMÓRIAS E
SENSIBILIDADES - A CONSTRUÇÃO DA ESTRADA DE RODAGEM E A
CHEGADA DA BR- 230**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado
ao Curso de Graduação de História da
Universidade Estadual da Paraíba, em
cumprimento à exigência para obtenção do
grau de Licenciado em História.

Orientador: Prof. Me. José do Egito Negreiros Pereira

**CAMPINA GRANDE- PARAÍBA
2014**

É expressamente proibida a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano da dissertação.

M338n Marinho, Ana Carolina de Araújo

No meio do caminho tinha uma Soledade [manuscrito] : memórias e sensibilidades - a construção da estrada de rodagem e a chegada da BR-230 / Ana Carolina de Araujo Marinho. - 2014. 62 p. : il. color.

Digitado.
Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em História) - Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Educação, 2014.
"Orientação: Prof. Me. José do Egito de Negreiros Pereira, Departamento de História".

1. Soledade - Paraíba 2. Historiografia 3. História Cultural
I. Título.

21. ed. CDD 907.2

ANA CAROLINA DE ARAÚJO MARINHO

**NÓ MEIO DO CAMINHO TINHA SOLEDADE: MEMÓRIAS E
SENSIBILIDADES - A CONSTRUÇÃO DA ESTRADA DE RODAGEM E A
CHEGADA DA BR-230**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado
ao Curso de Graduação de História da
Universidade Estadual da Paraíba, em
cumprimento à exigência para obtenção do
grau de Licenciado em História.

APROVADA EM 26 / 11 / 2014


Prof. Ms. José do Egito Negrinhos Pereira / UEPB
Orientador


Prof. Dr.ª Patrícia Cristina de Aragão Araújo / UEPB
Examinadora


Prof. Dr.ª Maria Lindaci Gomes de Souza / UEPB
Examinadora

**CAMPINA GRANDE – PARAÍBA
2014**

DEDICATÓRIA

Dedico esse meu TCC aos meus pais, João Marinho e Solange M. de A. Marinho, pela capacidade de sempre acreditarem e investirem em mim. Mãe, seu cuidado e dedicação foram o que me deram força e esperança para continuar seguindo em frente, sua presença significa segurança e certeza de que não estou sozinha nessa caminhada. Pai, seus esforços não foram em vão, cada momento sou grata pelo fato dos meus estudos sempre terem sido prioridade.

AGRADECIMENTOS

Primeiramente quero agradecer a Deus pela minha vida, por te me dado ao longo desses anos sabedoria e por ter sempre me permitido espartir meus conhecimentos, chegando até a universidade por meio do vestibular no ano de 2009.

Agradeço a minha família pelo apoio e por aguentar minhas aflições, angustias ao longo dessa minha jornada, especialmente minha mãe e ao meu pai, que sempre me motivaram a seguir em frente. Meus pais sempre se preocuparam, incentivaram e ajudaram, fazendo muitas vezes mais que o possível para que minha irmã e eu pudéssemos sempre estudar. Sendo motivo de orgulho hoje para eles, terem uma filha formada em Serviço Social, trabalhando já na área, emprego esse assegurado por meio de concurso público, e a outra filha conseguindo agora a titulação de graduação de em licenciatura plena em história.

Quero também estender meus agradecimentos a minha irmã Janaina que sempre foi um exemplo de determinação e esforço para mim. E também ao meu cunhado Josiel, que de extrema boa vontade esteve presente quando precisei de algum auxílio acadêmico. Aos meus sobrinhos João Pedro e Nathan que com a inocência de criança sempre me ajudam, alegrando a cada dia a minha vida.

Não podia deixar aqui de demonstrar minha gratidão a minha tia Marlúce que sempre que possível me ajudou com os materiais didáticos usados por mim ao longo dessa graduação.

Agradeço Universidade Estadual da Paraíba por ter me aberto às portas para o mundo universitário me possibilitando conhecer e vivenciar várias experiências a nível acadêmico. Estendendo minha gratidão a todos os professores que fazem ou fizeram parte dessa instituição, principalmente àqueles os quais tive a honra de estudar, em especial ao professor Josemir Camilo, pois foi à pessoa que me ajudou na escolha da minha temática, sendo também quem me auxiliou nos primeiros momentos dessa pesquisa. De forma mais que especial quero estender meu sentimento de gratidão ao professor, amigo e orientador José do Egito, que se demonstrou a cada dia além de um profissional exemplar, um grande amigo e excelente orientador, que me conduziu nesse período monográfico me indicando e aconselhando pelos caminhos que eu podia trilhar para melhoramento no meu trabalho, com sua maneira divertida, mas ao mesmo tempo comprometida com a arte do ensinar.

Quero também destacar os meus colaboradores memorialista, pois sem eles não teria sido possível a realização desse trabalho, que de tão boa vontade abriram para mim as portas das suas lembranças, sendo até algumas dessas recordações de nível pessoal. Meu

muitoobrigada a todos (as), Dona Maria do Carmo Gouveia, Dona Joanita Oliveira, Seu Erasmo Mendes e em especial ao senhor Manuel Caetano de Souto Neto, conhecido popularmente como Seu Rosil, figura que fez parte da minha infância e que de uma forma atenciosa abriu as portas da sua casa para me receber, mesmo estando passando por um período de doença o qual por recomendações médicas não podia falar por muito tempo, no entanto ele não negou o sua colaboração, pelo contrario, foi de extrema delicadeza e simpatia, ao conceder seus relatos memorialísticos. Agradeço também ao senhor Juarez de Góis responsável pela Fundação Casarão Ibiapinópolis, por ter me cedido às fotografias da chegada da BR-230 apresentadas aqui nesse trabalho.

Agradeço a todas (o) as (o) amigas (o) que fiz durante essa jornada, Geilza, Ellen, Wesley, Marciane, Kelley, onde juntos passamos por inúmeras emoções, sendo cada conquista individual ou coletiva motivo de comemoração, ou nos momentos de choros, aflições e tristezas, estávamos sempre unidos. Também á todos os professores que tive durante esse curso de licenciatura, pois cada um contribuiu de forma significativa na minha bagagem teórica.

Amplio meus agradecimentos a alguns novos amigos que fiz já agora na reta final desse processo de produção do TCC, esses que mostraram compreensíveis comigodos momentos de estresses devido ao encerramento das minhas atividades acadêmicas. Agradecer também a todos os irmãos em Cristo, que juntamente comigo estiveram oraram a Deus para que eu tivesse sabedoria durante esse período de produção e defesa desse meutrabalho de conclusão de curso, especialmente o meu pr. James Nash. Em fim quero estender meu sentimento de gratidão a todos àqueles que me apoiaram de alguma maneira durante esse minha jornada acadêmica.

Bem-aventurado o homem que acha
sabedoria,e o homem que adquire
conhecimento;Provérbios 3:13

RESUMO

O presente trabalho que segue a linha de pesquisa da história cultural tem como objetivo geral discutir como a cidade de Soledade foi sentida pelos seus moradores com a construção da estrada de rodagem e depois com a chegada da BR-230. Nossas inquietações surgiram da observação de um costume muito presente na cidade aqui pesquisada, tendo em vista que sempre foi presenciado por nós, a prática dos moradores mais antigos, se reunirem em grupos de amigos ou familiares na praça ou mesmo nas portas de suas casas para conversarem enquanto acompanham atentos os carros que transitam pela BR-230, rodovia essa responsável por cortar a urbe. Dessa forma, a problemática desse trabalho nasceu do desejo de tentar reverificar se costume dos moradores é um hábito iniciado apenas depois da chegada da BR, ou já era uma prática existente. Vamos aqui analisar se houve aparecimento de mudanças na rotina dos habitantes, isto é, aparecimento de novas sensibilidades ligadas à chegada dessa rodovia. Usaremos como aportes teóricos Sandra J. Pesavento, Roger Chartier, Lynn Hunt e Peter Burke que comungam dos princípios culturais. Em busca de respostas para os nossos questionamentos, vamos usar algumas fontes historiográficas, tais como, os relatos orais, as fotografias e textos bibliográficos, para a realização desse trabalho, bem como para o diálogo com as fontes, o método indiciário foi muito importante para a nossa pesquisa.

PALAVRAS- CHAVE: Soledade, estrada, antigos moradores.

ABSTRACT

The present work follows a line of research of cultural history, and has as its general objective to discuss how the city of Soledade was affected by its residents with the construction of the dirt road and then with the arrival of the BR. 230. Our concerns emerged from the observation of a costume still very present in the city herein researched, having been witnessed by us, the practice of older residents, gathering in groups of friends or family in the city square ,or even at the doors of their homes for a chat while accompanying attentively the cars transmuting over BR 230, highway that is responsible for dividing the municipality. In this manner, the question presented in this work was birthed from the desire to try to examine if this practice of observation is a habit birthed with the arrival of the BR, or was already an existing custom. We will here analyze whether there has been changes in the routine of the inhabitants, that is, if there was new sensitivities related to the arrival of this highway. We will investigate as theoretical examples Sandra j. Pesavento, Roger Chartier, Lynn Hunt and Peter Burke who share cultural principles. In search of answers to our questions, we will use certain historical sources, such as, oral witnesses, photographs and bibliographic text. To aid in the conclusion of this work, as well as to the dialogues of the sources, the method was very important to our research.

KEY WORDS: Soledade, roads, older residents.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 01 - Fonte: Fundação Casarão Ibiapinópolis. pag.48

Figura 02 - Fonte: Fundação Casarão Ibiapinópolis. pag. 51

Figura 03 - Fonte: Fundação Casarão Ibiapinópolis. pag. 52

Figura 04 - Arquivo pessoal. pag. 52

Figura 05 - Arquivo pessoal. pag. 52

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO:	11
1. CAPÍTULO I:	
Breve apresentação sobre a História Cultural: olhares sobre as mudanças na escrita da história.	17
1.1. A cidade enquanto campo temático da História Cultural.	25
2. CAPÍTULO II:	
História Oral e Memória: As lembranças de um povo.	28
2.1. Entrevistas como marco de surgimento História Oral	29
2.2. A História Oral no Brasil.	31
2.3. Emergência da História Cultural: E o uso das entrevistas orais nas pesquisas historiográficas.	33
2.3.1. A história oral em nossa pesquisa	34
2.4. Nossos colaboradores e suas memórias.	35
3. CAPÍTULO III:	
E no meio no caminho: Tinha Soledade.	38
3.1. Se não tem ferrovia ao menos temos uma estrada de rodagem: A construção do ramal rodoviário.	38
3.2. A arte da observação: O costume de um povo.	41
3.3. O projeto da linha férrea finalmente chega a Soledade.	44
3.4. Surge uma BR. : O Brasil no período da chegada da BR-230 em Soledade .	46
3.4.1. É chegado o dia: A inauguração de uma BR.	48
3.4.2. Um costume que se intensifica: O prazer da observação	50
4. CONSIDERAÇÕES FINAIS	54
5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	56
6. APÊNDICE	60

INTRODUÇÃO

O município de Soledade, localizado no Cariri paraibano, a 186 km da capital João Pessoa, e a 54 km de Campina Grande. Mesmo que a origem de Soledade date apenas de 1856, esse território começou a ser povoado pelos colonizadores portugueses, mais especificadamente pela família Oliveira Ledo, requerente de quase todas as propriedades sertaneja, já em meados do século XVII por meio de fazendas de gado, e de plantio de gênero alimentícios, no entanto essas fazendas se encontravam afastadas umas das outras, não possuindo um núcleo de sociabilidade, ou seja, desprovidas de um espaço conjunto onde pudessem ser desenvolvidas atividades coletivas. No século XIX com a construção de um cemitério nos contornos dessas fazendas de gado, com a orientação do Padre Antônio Maria Ibiapina, o início à formação do povoado que viria a ser vila de Soledade, tonando em umas primeiras povoações da sub- região a ser tornar Vila, que viria a ser emancipada em 1885, onde se encontra hoje com 128 anos de emancipação política.

De um cemitério, lugar entendido como sendo território sinônimo de sofrimento começa a surgir em seu redor um pequeno povoado formado por parentes de vítimas da cólera que “não tinham mais força e ânimo para voltar aos seus lugares de origem.” (PEREIRA, 2010, p. 46). O povoado também recebeu novos habitantes, vindos dos sertanejos pobres que se aventuravam pelas estradas tentando fugir da fome, tendo como paradeiro, o brejo ou litoral paraibano, que para diminuir o trajeto, tendo em vista que as estradas oficiais que ligavam o sertão ao litoral seguiam as margens dos grandes rios, o caminho mais transitável seria pelas veredas quase fechadas das rotas anteriormente usadas pelos primeiros colonizadores, tendo dessa forma como passagem o povoado advindo do cemitério. Grandes partes desses retirantes morriam nessas viagens, e outros acabavam não conseguindo mais continuar seus trajetos, ficando pelo povoado. “Soledade mostrou-se nesse momento espaço auspicioso para os indivíduos que não tinham mais destreza para seguir viagem.” (Idem, idem).

Segundo dados da Enciclopédia dos municípios Brasileiros, o povoado de Soledade pela lei provincial de nº 682 torna-se distrito da Vila de São João do Cariri, sendo elevada a categoria de Vila pela Lei nº 791 de 24 de Setembro de 1885, tornando-se cinco anos depois sede da comarca.

Sendo assim o presente trabalho busca discutir o campo temático das cidades de acordo a metodologia da História Cultural, tendo em vista que essa pesquisa surgiu do

desejo de investigar como a cidade de SOLEDADE-PB foi sentida pelos seus moradores com a construção da estrada de rodagem e depois com a chegada da BR- 230. Destacando que o espaço urbano é determinado por símbolos e códigos que se constroem e se estabelecem no processo de produção da cidade. A construção da estrada de rodagem e mais tarde a chegada da BR-230 passando por dentro de Soledade não fica de fora desses símbolos que contribuíram para a construção e afirmação da cidade, enquanto lugar de urbanização. Observar a cidade é perceber também a dinâmica do espaço e de suas características que se impõe a seus habitantes. Nesse sentido:

(...) a cidade, foi, desde cedo, reduto de uma nova sensibilidade. Ser cidadão, postar um ethos urbano, pertencer a uma cidade implicou formas, sempre renovadas ao longo do tempo, de representar essa cidade, fosse palavra, escrita ou falada (...), fosse pelas praticas cotidianas, pelos rituais de civilidade presente naqueles que a habitavam. (PESAVENTO, 2007, p. 01).

Sabendo que desde muito tempo, as cidades paraibanas vêm sendo objeto de estudo da historiografia; como por exemplo, 1908 em *Notas sobre a Parayba*, obra clássica na historiografia paraibana, de *Ireneu Joffity*, onde o autor discutiu a importância histórico-social das cidades, tendo como temática de estudo as feiras de livre comércio. Seguindo essa mesma linha, Celso Mariz em 1910 escreve *Através do Sertão e Cidades dos Homens em 1945*, desses dois trabalhos de “Mariz perceber-se facilmente sua intenção de mostrar o crescimento que Patos havia conquistado no decorrer da primeira metade do século XX.” (SILVA, 2013, p. 174)

A dissertação *Fatores de Crescimento das cidades do Sertão paraibano* de *Francisco José de C. Alves*, de 1978, é trabalhada problemática da ocupação de espaço geoeconômico. Onde de acordo com a historiadora Serioja Mariano observa que “embora o estudo se refira ao fenômeno urbano, à questão urbana é pouco discutida, a ênfase é no rural.” (MARIANO, 2010, p.31).

Podemos observar que os trabalhos produzidos no final do século XIX e meados do século XX adotaram a linha de uma historiografia produzida pelo Instituto Histórico e Geográfico Paraibano (IHGP), sendo esses trabalhos muito voltados a história dos grandes heróis e seus feitos, como cita Mariano: “A descrição de datas e nomes, a criação de mitos numa sequência factual de acontecimentos, e o chamado discurso fundador”. (Idem).

Com a virada nos estudos históricos produzidos pela emergência da História Cultural, ocorreram alterações no âmbito da História. As principais mudanças epistemológicas estiveram ligadas à reorientação da postura do historiador, a partir dos conceitos de representação, imaginário, narrativa, ficção e sensibilidades. Com a História Cultural, o conceito de fonte historiográfica foi ainda mais diversificado, qualquer vestígio ou indício que restou do passado pode servir como fonte ao historiador, que passou a privilegiar temáticas culturais. Entre os objetivos da História cultural como destaca Chartier: “A História cultural, tal como a entendeu, tem por principal objetivo identificar no mundo como, em diferentes lugares e momentos, uma determinada realidade social é construída, pensada, dada a ler” (CHARTIER, 1988, p.16).

Em relação à temática cidade, tendo em vista que o nosso trabalho abordara esse campo de pesquisa, nos anos 1990, com a História cultural, surgiram novas abordagens ao fenômeno urbano trazendo possibilidades de se escrever uma história nova e diferente:

O que cabe destacar no viés de análise introduzido pela história cultural a cidade não é mais considerada só como um lócus privilegiado, seja a realização da produção, seja da ação de novos atores sociais, mas, sobretudo, como um problema e um objeto de reflexão a partir das representações sociais que produz e que se objetivam em práticas sociais. (PESAVENTO, 2007, p. 13).

Na historiografia paraibana essas novas abordagens também vêm sendo incorporadas, como é o caso da dissertação historiadora Serioja Rodrigues Cordeiro, Mariano, *O arcaico e o Moderno na cidade de Princesa (PB) na Década de 1920* sendo apresenta as mudanças presentes na cidade de Princesa, a obra traz a abordagem da modernidade com a chegada de alguns ícones tidos como modernos como, por exemplo, o cinema, o automóvel, a imprensa e tantos outros.

Ressaltando as questões que fazem parte do imaginário das sensibilidades de uma época que procura se estabelecer a partir do pensar e do agir dentro de um parâmetro de urbano. Nessa linha temos o trabalho monográfico de conclusão de curso do Historiador José Tiago Marinho Pereira que aborda o mesmo espaço por nós trabalhando, a cidade de Soledade–PB, tendo no seu projeto intitulado *Memórias de Soledade: Da Belle Époque aos Anos Dourados* o recorte temporal de 1856, a partir da aquela se construiu sua origem enquanto espaço de sociabilidade e núcleo de povoamento até os anos 1950, período marcado por otimismo no campo cultural brasileiro, vivenciado no setor urbano. Sendo de

acordo com o autor, percorrido “um percurso histórico, tomando como referência o passado soledadense, enquanto espaço de sociabilidade, a partir da prática de salubridade pública incentivada pelo Estado Moderno”. (PEREIRA, 2010, p.11)

Apesar das muitas agitações existentes, acerca da historiografia das cidades do interior paraibano, nós historiadores, não vemos deixar de buscar, continuamente, recuperar os rastros e vestígios que possam nos conduzir as cidades invisíveis existentes nas concretas que podemos ver, citando o historiador Antônio Paulo Rezende que diz:

A cidade é feita de sonhos e de desejos que, um dia, se tornarão recordações, se incorporarão aos inúmeros labirintos da memória, revelarão as faces escuras do passado ou deixarão que elas permaneçam desconhecidas para sempre. Assim é a cidade, a grande moradia dos homens. (REZENDE, 1992, p.21 Apud Mariano, 2010, p.19).

Com o uso de novas fontes, a historiografia mostrou possibilidades até então desconhecidas, ou até mesmo, ignoradas. Ao fazermos uso de fontes para além da escrita, entendemos que qualquer vestígio ou indício que restou do passado pode servir como fonte ao historiador das temáticas culturais. Dessa maneira tudo pode ser tornar documento historiador, depende da pergunta que se faça visto que “com o testemunho inaugura-se um processo epistemológico que parte da memória declarada, passa pelo arquivo e pelos documentos e termina na prova documental.” (RICOEUR, 2007, p.170).

Uma dessas novas possibilidades que passou a ser usada pelos pesquisadores é a História Oral surgida em meados do século XX. A metodologia da História Oral temática, que será utilizada nessa pesquisa, visto que o nosso tema tem “estatuto relativamente definido na trajetória de vida dos depoentes”, (ALBERTI, 2008, p.175).

Trataremos as fontes tal como fala Ginzburg, meio do método indiciário, por meio do qual o pesquisador assume o papel de um detetive, e a partir dos indícios encontrados em fontes diversas, procura revelar os questionamentos referentes à formulação do problema da sua pesquisa. O trabalho do historiador também se assemelha ao do médico, pois procura comparar os indícios para dessa maneira chegar ao que Ricoeur chama de representação historiadora. Que se estabelece não só como um “complemento do olhar da representação-objeto de história, mas também como um acréscimo, na medida em que a representação-operação pode ser tida como a fase reflexiva da representação-objeto” (RICOEUR, 2007, p.277).

Nossa pesquisa é inovadora, visto que a nossa temática surgiu da observação do costume dos moradores se reunirem na praça ou mesmo nas portas de suas casas para conversarem enquanto olham o passar dos carros. Dessa forma o questionamento (problemática) por nós levantados será tentar reverificar se a prática da observação dos carros por parte dos moradores é um hábito iniciado com a chegada da BR-230, ou já era um costume presente na cidade. Tendo como recorte temporal 1919 ano da inauguração da estrada de rodagem e a década de 1968, período que a conhecida como Rodovia Transamazônica, a BR-230, chega a Soledade. Pretendemos aqui analisar a urbe como espaço de formação de uma nova sensibilidade. Como descreve Pesavento:

Assim, no desdobramento das abordagens que se fazem sobre o fenômeno urbano no final do século XX e no início do novo século, não se estudam apenas processos econômicos e sociais que ocorrem na cidade, mas as representações que se constroem na e sobre a cidade, ou seja, com o imaginário criado sobre ela. Em outras palavras, os estudos de uma história cultural urbana se aplicam no resgate dos discursos, imagens e práticas sociais de representação da cidade. E o imaginário urbano, como todo o imaginário, diz respeito a formas de percepção, identificação e atribuição de significados ao mundo, o que implica dizer que trata das representações construídas sobre a realidade — no caso, a cidade. (2007, p.15).

No nosso primeiro capítulo procuraremos discutir sobre a História Cultural enquanto campo de conhecimento da pesquisa historiográfica. Buscaremos apresentar uma revisão bibliográfica que fornece dados sobre a temática como Sandra J. Pesavento, Roger Chartier, Lynn Hunt e Peter Burke que compartilham dos princípios culturais em relação às novas temáticas, objetos de estudo, mediados pela presença do historiador no manuseio dos documentos e realização da pesquisa. Abordaremos também o novo campo temático da cidade, tendo em vista que com a virada nos estudos históricos produzidos como o advento da História Cultural surgiram novas pesquisas pautadas ao fenômeno urbano.

No segundo momento da nossa pesquisa, analisaremos a abordagem metodológica dos relatos orais, esses que tem se mostrado como uma nova perspectiva com relação à escrita da história, tendo em vista a impossibilidade de nos transportamos fisicamente até o passado, mais que podemos por meio das operações historiográficas. Iremos também tratar, sobre memória tendo em vista que por meio dos relatos orais, debruçarmo-nos nas reminiscências dos habitantes da urbe aqui estudada.

Será no terceiro capítulo que problematizaremos mais profundamente a nossa temática, primeiramente abordaremos como se deu a construção da estrada de rodagem, quais os interesses por trás dessa obra, que grupos sociais foram enunciadores desse empreendimento, sempre buscando questionar como essa estrada foi sentida pelos moradores.

Depois iremos nos deter a chegada da BR-230 em SOLEDADE-PB, usaremos algumas memórias fotográficas tendo em vista em que as imagens fotográficas são o resultado direto do esforço de sociedades históricas para imporem-se ao futuro voluntária ou involuntariamente, nos possibilitando pensá-las como uma documentação que torna possível a realização da pesquisa. Vamos assim buscando verificar se com a chegada da BR-230 passando por dentro da cidade de Soledade (PB) ocorreu mudanças na rotina dos moradores, tentando revelar se houve o surgimento de novas sensibilidades a partir da chegada dessa rodovia.

CAPÍTULO 1.
BREVE APRESENTAÇÃO SOBRE A HISTÓRIA CULTURAL: OLHARES
SOBRE AS MUDANÇAS NA ESCRITA DA HISTÓRIA.

Esse trabalho, embasado na dimensão da História cultural, tem por objetivo discutir como a cidade de SOLEDADE-PB foi sentida pelos seus moradores com a construção da estrada de rodagem e depois com a chegada da BR-230, tentando analisar as sensibilidades que foram sendo construídas a partir da chegada desses empreendimentos.

Buscaremos nesse capítulo, questionar primeiramente o que é História cultural e sua importância para o trabalho do historiador assim como as possibilidades que essa dimensão trouxe para os estudos históricos. Discutiremos também o novo campo temático da cidade tendo em vista que com a virada nos estudos históricos produzidos pela emergência dessa nova dimensão surgiram novas abordagens pautadas ao fenômeno urbano como salienta Pesavento:

O que cabe destacar no viés de análise introduzido pela história cultural a cidade não é mais considerada só como um lócus privilegiado, seja a realização da produção, seja da ação de novos atores sociais, mas, sobretudo, como um problema e um objeto de reflexão a partir das representações sociais que produz e que se objetivam em práticas sociais. (PESAVENTO, 2007, p. 13).

A partir da década 1970 observar-se o que Peter Burke chama de “virada cultural”, a qual possibilita estudar os fatos sociais sobre a ótica do enfoque cultural, no momento que se vive a “crise de paradigmas”, sendo preciso apontar novas formas de entender o homem e o mundo que passa por grandes transformações na “era da globalização”.

[...] Nos deparamos com várias histórias notáveis de tópicos que anteriormente não se havia pensado possuírem uma história, como, por exemplo, a infância, a morte, a loucura, o clima, os odores, a sujeira e a limpeza, os gestos, o corpo (como apresentado por Roy Porter, p. 291), a feminilidade (discutida por Joan Scott, p. 63), a leitura (discutida por Robert Darnton, p. 199), a fala e até mesmo o silêncio. O que era previamente considerado imutável e agora encarado como uma “construção cultural” sujeita a variações, tanto no tempo quanto no espaço. (BURKE, 1992, p.11).

No entanto, de acordo com Pesavento as mudanças ocorridas no campo da História aconteceram bem antes: Podemos, talvez, situar os sintomas da mudança nos anos 1970 ou mesmo um pouco antes, com a crise de maio de 1968, com guerra do Vietnã, a ascensão do feminismo, o surgimento da New Left, em termos de cultura, ou mesmo a derrocada dos sonhos de paz do mundo pós-guerra. (2008, p. 08).

A emergência da História cultural permitiu uma análise com uma maior abrangência de elementos no campo da pesquisa historiográfica, possibilitando ao historiador uma ampliação do seu objeto de trabalho por meio das novas temáticas introduzidas nos estudos da história. Com a História Cultural e com suas novas tendências ficou viável para o historiador trabalhar com novas fontes da história, permitindo um conhecimento mais problematizador.

Dai a emergência de novos objetos no seio das questões históricas: as atitudes para a vida e a morte, as crenças e os comportamentos religiosos, os sistemas de parentesco e as relações familiares, os rituais, as formas de sociabilidade, as modalidades de funcionamento escolar etc. – o que representava a constituição de novos territórios do historiador através da anexação dos territórios dos outros. (CHARTIER, 1988, p. 14).

A História Cultural permite desenvolver pesquisas historiográficas a partir dos lugares sociais de determinados grupos, tendo em vista que a abordagem histórica busca no tema cultura estudar e questionar as relações e comportamentos das sociedades. Possibilitou-nos também, uma nova visão do passado, não havendo mais uma busca por verdades definidas contidas nos documentos, privilegiando o mundo atual a refazer uma escrita da história sendo apresentada a cada geração com diferentes interpretações:

Afinal, a História trabalha com a mudança no tempo, e pensar que isso não se dê no plano da escrita sobre o passado implicaria negar pressupostos. A presença da História Cultural assinala, pois, uma reinvenção do passado, reinvenção esta que se constrói na nossa contemporaneidade, em que o conjunto das ciências humanas encontra seus pressupostos em discursão. (PESAVENTO, 2008, p. 16).

As principais mudanças epistemológicas que estiveram ligadas à reorientação da postura do historiador, a partir dos conceitos de representação, imaginário, narrativas, ficção

e sensibilidades. Consequentemente com a História Cultural ocorreu um aumento do leque de fontes de pesquisa, expandindo os seus conceitos norteadores, ampliando dessa forma, os desafios do historiador ao entrar no campo da cultura.

Com estes objetos novos ou reencontrados podiam ser experimentados tratamento inéditos, tomados de empréstimos às disciplinas vizinhas foi o caso das técnicas de análise linguística e semântica, dos meios estatísticos utilizados pela sociologia ou de alguns modelos da antropologia. (CHARTIER, 1988, p.15).

Devemos ter em mente que a História Cultural envolve pesquisadores com posturas diferentes, historiadores como RagerChartier, Robert Darnton e Carlos Ginzburg. Como ressalta Pesavento (2008) todos podem estar trabalhando sobre o que se considera área da cultura, porém existem diferenças sensíveis entre eles, ou seja, os conceitos não são claramente assumidos por todos, no entanto esses historiadores trabalham na mesma linha do resgate de sentidos atribuídos ao mundo que se apresentam em palavras, discursos, imagens, práticas.

O conceito de representação já havia sido pensado no início do século XX por Émile Durkheim e por Marcel Mauss, mais foi com Roger Chartier que se notabilizou na História Cultural na obra *“A história cultural: entre práticas e representações*. De acordo com Chartier *“A história cultural tem por principal objecto identificar o modo como em diferentes lugares e momentos uma determinada realidade social é construída, pensada e dada a ler”* (CHARTIER, 1988, p. 16-17). O autor apresenta três conceitos norteadores na obra: representação, prática, apropriação e assim problematiza que as práticas culturais constroem o mundo como representação. De acordo com Chartier: *“A representação é instrumento de um conhecimento mediato que faz ver um objeto ausente através da sua substituição por uma imagem capaz de o reconstituir em memória e de o figurar tal como ele é”*.(1988, p.20).

Outro conceito advindo como essas mudanças epistemológicas provocadas pela História cultural é o imaginário. *“Entende-se por imaginário um sistema de ideias e imagens de representações coletivas que os homens, em todas as épocas, construíram para si, dando sentido ao mundo”* (PESAVENTO, 2008, p. 43). O historiador Jacques Le Goff foi o responsável pela divulgação desse conceito no campo da historiográfica, como escreve

Pesavento, para Jacques Le Goff o conceito de imaginário veio para “ultrapassar a identificação dos contornos e a precariedade conceitual da mentalidade” (2008, p.45).

A concepção de narrativa também se insere no conjunto de transformações epistemológicas que acompanharam a emergência da História Cultural como ressalta Pesavento:

[...] Essa classificação da História como uma narrativa ou discurso sobre o real, por óbvia que possa hoje parecer, já foi utilizada no sentido pejorativo, para designar o relato de um conteúdo organizado em ordem sequencial, cronológica de acontecimentos de forma descritiva e não analítica carente de um pressuposto teórico que possibilitasse a interpretação. (PESAVENTO, 2008, p. 48).

A ficção passa a ser outro conceito incluído no campo do saber histórico e a partir desse conceito que vai ser questionada ou problematizada quanto ao seu caráter científico ou literário e, portanto ficcional da história. “A história inventa o mundo, dentro de um horizonte de aproximação com a realidade, à distância temporal entre a escrita da história e o objetivo da narrativa potencializa essa ficção.” (PESAVENTO, 2008, p.53).

Outro conceito que a História Cultural trouxe para o historiador foi o estudo as sensibilidades, a história competiria estudar, a questão do indivíduo com suas experiências de vida, no entanto não mais biografias de grandes personagens históricos, mais principalmente biográfica de gente simples.

[...] as formas pelas quais indivíduos e grupos se dão a perceber, comparecendo como um reduto de tradução da realidade por meio das emoções e dos sentidos. Nessa medida, as sensibilidades não só comparecem no cerne do processo de representação do mundo, como correspondem, para o historiador da cultura, àquele objeto a capturar no passado, à própria energia da vida. (Idem. p. 57).

Dessa forma os conceitos de *representação, imaginário*, a volta da *narrativa*, o aparecimento da *ficção* a ideia das *sensibilidades*, instiga os historiadores a repensar não só as perspectiva de ingresso ao passado e na reconfiguração de uma temporalidade, como também evidenciam a escrita da história e a leitura dos textos.

Possivelmente o que tem dado notoriedade a História Cultural é a renovação das correntes da história e dos campos de pesquisa, aumentando o universo temático e os objetos, tal como o uso de uma variedade de novas fontes. Uma dessas novas correntes

percorrida pela História Cultural é a do texto, referente à escrita e a leitura; como esclarece Chartier que enfatiza aos historiadores da cultura:

Os textos com os quais trabalham afetam o leitor de formas variadas e individuais. Os documentos que descrevem ações simbólicas do passado não são textos inocentes e transparentes; foram escritos por autores com diferentes intenções e estratégias, e os historiadores da cultura devem criar suas próprias estratégias, para lê-los. Os historiadores sempre foram críticos com relação aos documentos- e nisso residem os fundamentos do método histórico. (HUNT, 2001, p.18).

A micro-história é outra corrente que se apresenta nos domínios na História Cultural, perspectiva que tem sido integrada a vertente italiana de fazer história, principalmente ligado aos nomes de Carlos Ginzburg e Giovanni Levi. “A micro-história, como o próprio nome indica, realiza uma redução da escala de análise, seguida da exploração intensa de um objeto de talhe limitado”. (PESAVENTO, 2008, p. 72).

Outra corrente historiográfica é a da Nova História Política, ou seja, uma nova leitura do político pelo cultural, tendo em vista que a História cultural possibilitou novas contribuições ao político, propondo questões renovadoras e indicando novos objetos.

Nova História Política – principalmente nos seus desdobramentos a partir dos anos 1980 – passa a se interessar também pelo “poder” nas suas outras modalidades (que incluem também os micropoderes presentes na vida cotidiana, o uso político dos sistemas de representações, os poderes exercidos através da palavra e dos discursos, e assim por diante). Para além disto, a Nova História Política passou a abrir um espaço correspondente para uma “História vista de Baixo”, ora preocupada com as grandes massas anônimas, ora preocupada com o “indivíduo comum”, e que por isto mesmo pode se mostrar como o portador de indícios que dizem respeito ao social mais amplo. Assim, mesmo quando a Nova História Política toma para seu objeto um indivíduo, não visa mais a excepcionalidade das grandes figuras políticas que outrora os historiadores tradicionais acreditavam serem os grandes e únicos condutores da História. (BARROS, 2009, p.06).

Tais correntes temáticas não esgotam essas áreas de concentração em torno de certas temáticas e objetos possíveis, tendo em vista que a partir de publicações de pesquisas sejam livros, artigos em revistas especializadas ou mesmos trabalhos universitários pretendem

referir-se a tendências amplas. Essas correntes se apresentam em campos temáticos de pesquisa, por meio dos quais se acrescentam os trabalhos de investigação.

Um desses campos temáticos é o das cidades, o qual iremos trabalhar mais adiante tendo em vista que será o campo abordado em nossa pesquisa. Outro campo de investigação é o da história com a literatura. Como descreve Hunt: “Uma nova geração de historiadores da cultura usa técnicas e abordagens literárias para desenvolver novos materiais e métodos de análise. [...] ela estabelecer os objetos de estudo com semelhança ao da literatura [...]”. (HUNT, 2001, p.19-22).

As imagens também se apresentam na História Cultural, como outro campo de pesquisa. Ocorreu uma redescoberta dessa fonte, tendo em vista, que por muito tempo foram usadas pelos historiadores como meras ilustrações servindo apenas como suporte para a comprovação do que o texto escrito tratava. Ou então, eram vistas praticamente como um “retrato” do que aconteceu no fato histórico ali expresso. A redescoberta das imagens pela História Cultural aconteceu pela associação com a ideia de representação, da mesma forma que ocorreu com o texto literário citado anteriormente.

As imagens estabelecem uma mediação entre o mundo do espectador e do produtor, tendo como referente à realidade tal como no caso do discurso, o texto e mediador entre o mundo da leitura e o da escrita. Afinal, palavras e imagens são formas de representação do mundo que constituem o imaginário. (PESAVENTO, 2008, p.86).

As imagens como representações históricas são construídas através do olhar de quem analisa, colocando-se como fonte de reconstrução da vida pelos homens do passado. Esta assim como qualquer outro tipo de fonte deve ser analisada e explorada como adverte Paiva:

O uso da imagem, da iconografia e das representações gráficas pelo historiador vem propiciando a apresentação de trabalhos renovadores e, também, instigando novas reflexões metodológicas. (...) é importante sublinhar que a imagem não se esgota em si mesma. (...) Para o pesquisador a imagem é necessário ir além da dimensão mais visível ou mais explícita dela. (PAIVA, 2006, p. 19).

Ao fazer uma a leitura de fontes visuais, cabe ao historiador considerar o seu caráter temporal. Abordar a imagem como fonte histórica nos leva a avaliar suas possibilidades e ao mesmo tempo as suas fragilidades, tendo em vista que não se trata de “retrato de uma verdade, nem a representação fiel de eventos ou objetos históricos, assim como teriam acontecido ou assim como teriam sido. Isso é irreal e muito pretensioso” (PAIVA, 2006, p.19-20).

As identidades são outro campo temático para o pesquisador, da História cultural, “Enquanto representação social, a identidade é uma construção simbólica de sentido que organiza um sistema compreensivo a partir da ideia de pertencimento”. (PESAVENTO, 2008, p.89). Para a construção de uma identidade, as identificações ocorrem a partir do enfrentamento de um grupo com outro, identificações estas que podem ou não guardar relações de proximidades com o real.

Outro campo de pesquisa advindo com a abordagem Cultural, e à História do Tempo Presente: “Trata-se de uma história ainda não acabada, em que o historiador não cumpre o seu papel de reconstruir um processo já acabado, de que se conhecem o fim e as consequências”. (Idem, p. 93). Por ser uma história de um processo ainda em curso, o historiador que se aventura por esse campo temático corre o risco de um envolvimento direto com o objeto pesquisado, esse falta de distanciamento pode tornar o pesquisado incapaz de analisar aquilo que vive.

A memória surge também como mais um campo de pesquisa historiográfica. Sendo um campo oriundo da corrente que discute a escrita da história fazendo aproximações como a Memória. “A História e Memória são representações narrativas que se propõem uma reconstrução do passado e que se poderia chamar de registro de uma ausência no tempo”. (Idem.p.94).

Cabe destacar que algumas vezes se confunde a História Cultural com a Nova História, expressão inventada por Jacques Le Goff para a historiografia dos Annales no final da década de 1970. A História Cultural é dessa maneira, um movimento internacional, e não francês, como muitas vezes é identificado, efeito talvez da tradição da Escola dos Annales, da difusão mundial de alguns de seus autores:

A expressão “a nova historia” e mais bem conhecida na França. La nouvelle histoire e o título de uma coleção de ensaios editada pelo renomado medievalista francês Jacques Le Goff. Le Goff também auxiliou na edição de uma maciça coleção de ensaios de três volumes acerca de “novos problemas”, “novas abordagens” e “novos objetos”. Nesses casos esta claro o que e a nova historia: e uma historia made in France, o pais da

nouvelle vague e do nouveau roman, sem mencionar la nouvelle cuisine. (BURKE, p. 09 1992).

Aqui no Brasil, já na década de 1930 do século XX, nomes como Gilberto Freyre, Sergio Buarque de Holanda, apontaram um aspecto cultural a na forma de tratar a realidade brasileira e repensar a identidade nacional, ou seja, tanto na Europa como na América do Sul houve uma historiografia a mostrar uma história sem fronteiras.

Expostas algumas das principais correntes e campos temáticos possibilitados com a História Cultural vale lembrar, que as fontes de investigação não se esgotam. “Uma ideia na cabeça, uma pergunta suspensa nos lábios, o mundo dos arquivos diante dos olhos e das mãos. Nessa medida, tudo pode vir a tornar-se fonte ou documento para a História, dependendo da pergunta que seja formulada”. (PESAVENTO, 2008, p.97).

Com o surgimento da Historia Cultural, novos parceiros aparecem por causa das questões formuladas, das temáticas e objetos novos, bem como das renovadas fontes, trabalhadas agora pelos historiadores. “[...] os historiadores estão tendo de se preocupar com questões que por muito tempo interessaram a sociólogos e a outros cientistas sociais”. (BURKE, 1992, p.31.). Dentre os principais parceiros da Historia estão: a Antropologia, por intervenção do conceito de cultura; a Literatura, por intermédio da discussão das fronteiras do texto histórico e do texto literário; a Arte, a partir dos debates sobre as imagens; a Arquitetura (ou ao Urbanismo), pela identificação com o tema da cidade, suas imagens e representações (literárias e pictóricas).

Após analisar algumas possibilidades que foram permitidas pela História Cultural, cabe destacar que existem alguns riscos e também limites, presentes nessa linha de pesquisa. O sucesso acadêmico e mesmo midiático adquirido pela História Cultural, não deve encobrir certos riscos na análise, na abordagem e nos problemas levantados pelo historiador ao praticá-la. O historiador cultural deve levar em conta é que as respostas são múltiplas e várias, são provisórias não existindo uma única versão verdadeira, havendo assim uma “hierarquia de verdades.”.

Os maiores problemas para os novos historiadores, no entanto, são certamente aqueles das fontes e dos métodos. Já foi sugerido que quando os historiadores começaram a fazer novos tipos de perguntas sobre o passado, para escolher novos objetos de pesquisa, tiveram de buscar novos tipos de fontes, para suplementar os documentos oficiais. (BURKE, p.25, 1992).

Outro questionamento que deve ser feito como desafio para o historiador é esse tipo de nostalgia da totalidade ou dos modelos globais, com uma explicação acabada, isto é, o historiador não precisa escrever sobre tudo em cada texto, devendo sim, ter um grande suporte de conhecimento e leituras que lhe possibilitem recorrer quando preciso for e constituir a sua grande de correspondências.

Portanto a Historia Cultural, “e extremamente sedutora, mas perigosa. Atrai, seduz, envolve, tem arrastado pesquisadores para o seu tempo”. (PESAVENTO, 2008, p.119). Implica ainda uma carga de leitura ou um grande acervo de informações, para aumentar a interpretação através da construção do maior numero de relações prováveis entre os dados.

1.1. A cidade enquanto campo temático da Historia Cultural.

Depois dessa pequena discussão sobre a História Cultural enquanto campo de conhecimento da pesquisa histórica, bem como sua importância para o trabalho do historiador e as possibilidades que esse campo de pesquisa trouxe para os estudos históricos. Vamos analisar mais detalhadamente o campo temático das cidades, tendo em vista que o espaço urbano há muito tempo já vem sendo feito estudos, no entanto:

Tais estudos, por certo, não fizeram da cidade seu objeto de análise, sendo este, preferencialmente, o processo de acumulação de capital e da formação da força de trabalho ou, ainda, da ‘desescravização’ do país e da contribuição dos imigrantes estrangeiros na formação de um mercado de trabalho livre. (PESAVENTO, 2007, p.12).

Nessas pesquisas a cidade é considerada apenas como um lugar, não existindo qualquer outro compromisso teórico. A urbe de Soledade, estudada aqui nessa pesquisa, é um exemplo de cidade que há muito tempo apresenta pesquisas associadas a essa linha “quantitativa e evolutiva”. O livro Malhada das Areias Brancas de 1974, escrito pelo Soledadense jornalista e escritor Inocência Nóbrega Filho, que de forma saudosista conta a história do município de Soledade é nessa obra que pela primeira vez a origem de Soledade é apresentada a partir da fazenda do Português João Gouveia de Sousa, chamada Malhada Vermelha e depois Malhadas das Areias Brancas. A obra é composta por dados sobre a

cidade, descritos em uma ordem dando a ver um tempo de origens, um acontecimento fundador. Nessa escrita é mostrada uma história crescente da urbe:

Nessa linha ascensional desde o passado até o presente da cidade, constrói-se o desfile ou a evolução cronológica dos governos municipais com seus momentos marcantes e suas realizações fundamentais. Nada muito diferente, enfim, de uma história política de viés tradicional ou de um kit indenitário aplicado à evolução de um núcleo urbano. Tais histórias de cidades são antigas, continuam a existir nos tempos atuais, e delas se valem os historiadores até hoje, à cata de algum dado especial, que complemente sua pesquisa nos arquivos. (PESAVENTO, 2007, p. 12).

Não só apenas no interior Paraibano, mas em todo o Brasil no decorrer das décadas de 1960, 1970 e 1980, na linha de uma história econômico-social com exemplo no materialismo histórico, mesmo sem se nomearem em ‘histórias urbanas’, foram feitos estudos de boa qualidade, porém, que consistiam nesse enquadramento problemático, a cidade como sendo o *locus* onde os acontecimentos se passavam como descreve Pesavento:

[...] fosse pelo desenvolvimento daquelas forças capitalistas, fosse pela expansão de um mercado de trabalho nos maiores centros urbanos, para onde acorriam os egressos do regime escravista, ou fosse ainda por um processo mais amplo, de modernização e de redefinição das relações entre o campo e a cidade. Segundo essa postura, as cidades compareciam como o *locus* da acumulação de capital, como o epicentro da transformação capitalista do mundo. (Idem. 2007, p.13).

Com o advento da História Cultural, ocorreu uma nova abordagem ao fenômeno urbano. “O que cabe destacar é a abordagem introduzida pela história cultural: ela não é mais considerada só como um *locus*, seja da realização da produção ou ação social, mas, sobretudo como um problema e objeto de reflexão”. (PESAVENTO, 2008.p.77).

O campo temático dos estudos culturais referente às cidades ganhou visibilidade como linha de pesquisa em programas de pós-graduação nas universidades brasileiras na década de 1980. A professora e historiadora Maria Stella Bresciani, foi uma das responsáveis pela criação da linha de Cultura e Cidades na Unicamp. Desse modo Bresciani:

Escolheu iniciar o percurso bibliográfico pela questão das condições de vida da população pobre das grandes cidades, a presença das multidões permanentes nas ruas e lugares públicos, indo e vindo do trabalho, mas também, em certos momentos reivindicando o direito a expressão política (BRESCIANI, 1998, p.243).

A História Cultural começa a trabalhar com o imaginário urbano, isto é, com as formas de “percepção, identificação e atribuição de significados ao mundo” (PESAVENTO, 2008, p 78). Ou seja, trata das representações urbanas que se apresentam como diversificado campo de investigação ao historiador. Dessa forma, são objetos de uma História Cultural Urbana às maneiras pelas quais a cidade foi pensada e classificada ao longo dos anos. Sendo assim, as pesquisas são voltadas não mais só para os processos econômicos e sociais que ocorreram nas cidades, mas também as representações que se estabelecem na e sobre a cidade.

Outra representação da cidade é a própria modernidade urbana, “a modernidade, enquanto experiência histórica, individual e coletiva, faz da cidade mais que um locus, um verdadeiro personagem.” (PESAVENTO, 2008, p.79). O advento da cidade moderna proporciona uma série de novas representações.

A modernidade urbana possibilita também pensar outras representações, tais como as referentes aos planos e utopias criadas sobre o futuro da cidade, registrando uma cidade sonhada e desejada em projetos urbanísticos. De acordo com Certeau (2012) abordaremos a cidade na perspectiva de que ela é composta de uma pluralidade de ações táticas dissolvidas em práticas cotidianas, e o consumo dos espaços.

Cabe ressaltar que uma cidade é objeto de múltiplos discursos. Como os discursos médicos, políticos, urbanísticos, históricos, literários, poéticos, policiais, jurídicos. Sendo também a cidade, objeto de produção de imagens, sejam fotográficas, pictóricas, cinematográficas e gráficas, a cruzarem ou contraporem sentidos sobre o urbano, como cita Calvino: “Uma cidade contém muitas cidades e esse tem se revelado um campo de pesquisa muito amplo do campo da História Cultural”. (CALVINO, apud PESAVENTO, 2008, p.80).

CAPÍTULO: 2

HISTÓRIA ORAL E MEMÓRIA: AS LEMBRANÇAS DE UM POVO

No capítulo anterior, abordamos sobre a História Cultural enquanto campo de conhecimento da pesquisa historiográfica bem como e sua importância para o trabalho do historiador e as possibilidades que essa dimensão trouxe para os estudos históricos. Tratamos também o novo campo temático da cidade, tendo em vista que com a virada dos estudos históricos produzidos como o advento da História Cultural surgiram novas abordagens pautadas ao fenômeno urbano.

Nesse segundo momento analisaremos a abordagem metodológica que usaremos nessa pesquisa, que é a História Oral, que tem se mostrado como uma nova perspectiva com relação à escrita da história. Iremos também tratar, sobre memória tendo em vista que por meio dos relatos orais e também da memória fotográfica, nos debruçaremos nas reminiscências dos habitantes da urbe aqui estudada.

Partiremos da definição de História Oral de acordo com o significado de Alberti onde: “A História Oral é uma metodologia de pesquisa e de constituição de fontes para o estudo da história contemporânea surgida em meados do século XX, após a invenção do gravador a fita”. (2008, p. 156).

Para o historiador, a história oral, permite o registro da história de vida, acompanhando a maneira como os fatos e os acontecimentos passaram a ser entendidos, sentidos e até mesmo reinterpretados pelo sujeito que o viveu. Segundo os objetivos da pesquisa, determinados com relação ao tema e à questão que se busca investigar, é possível escolher o tipo de entrevista a ser feita, podendo ser, uma entrevista temática ou uma história de vida. Como cita Alberti.

As entrevistas temáticas são as que versam prioritariamente sobre a participação de entrevistado no tema escolhido, enquanto a história de vida têm como centro de interesse o próprio indivíduo na história, incluindo sua trajetória desde a infância até o momento em que se fala, passando pelos diversos acontecimentos e conjunturas que presenciou, vivenciou ou de que se inteirou. (ALBERTI, 2008, p.175).

Na nossa pesquisa vamos utilizar a entrevista temática tendo em vista que iremos analisar como a cidade de SOLEDADE-PB foi sentida pelos seus moradores com a construção da estrada de rodagem e depois com a chegada da BR-230, buscaremos analisar a partir das memórias dos nossos colaboradores as sensibilidades vividas pela população com a chegada desses empreendimentos. A escolha pela história oral temática se deu, visto que temos um tema que tem um período cronológico determinado.

2. 1. Entrevistas como marco de surgimento da História Oral.

A prática de ouvir relatos de memorialista sobre determinados acontecimentos ou momentos para melhor entender não é novidade. De acordo com Alberti “Heródoto, Tucídides e Políbio, historiadores da Antiguidade, já utilizaram esse procedimento para escrever sobre acontecimentos de sua época”. (ALBERTI, 2008, p.156). Ainda segundo os historiadores Meihy e Holanda, “As primeiras investidas de registros de relatos pessoais foram propostos na China há mais de três mil anos, quando os escribas da dinastia Zhou (690 a 750 d.c.) propuseram registros escritos das narrativas populares”.(MEIHY, HOLANDA, 2007, p.92). Para esses historiadores a estratégia dos registros de história servia tanto como meio de conhecimento, normatização dos comportamentos coletivos como prática de dominação.

Pesquisadores poloneses radicados dos Estados Unidos entre 1918 e 1920, publicaram histórias de vidas de imigrantes poloneses, eles estavam ajustados com as novas tendências de pesquisa empíricas do departamento de Sociologia da Universidade de Chicago. Experiências como essas são mostradas “como ‘percussoras’ da História Oral ‘moderna’, que delas se distingue principalmente por exigir a gravação do relato, em áudio e /ou em vídeo e também por pressupor uma situação de entrevista com objetos bastante específicos”. (ALBERTI, 2008, p.156).

O marco considerado para o início da moderna História Oral é 1948, depois da Segunda Guerra Mundial, na Universidade de Colúmbia em Nova York tendo em vista que essa Universidade “representava uma espécie de vanguarda das atividades culturais institucionalizadas, e a cidade capitalizava os acontecimentos decorrentes do fim da guerra”. (MEIHY, HOLANDA, 2007, p.92).

No entanto não podemos pensar do sucesso da história oral sem considerar o rádio gravador. Na década de 1960 juntamente ao aprimoramento do gravador portátil tornaram-se constantes as entrevistas de histórias de vida, com membros de grupos sociais, essa fase

ficou conhecida como História oral ‘militante’. “Praticado por pesquisadores que identificavam na nova metodologia uma solução para ‘dar voz’ às minorias e possibilitar a existência de uma História vista de baixo.” (ALBERTI, 2008, p.157). Esses estudos buscavam se diferenciar dos produzidos na Universidade de Colúmbia, tendo em vista que as pesquisas lá produzidas privilegiava o estudo das elites. Como cita Alberti (2008) a década de 1960 acabou marcando a própria metodologia da história oral, ou seja, as práticas e formas como passou a ser vista por historiadores e também por pesquisadores de outras áreas que utilizam a história oral.

Fazendo oposição a história metódica dita positivista do século XIX, a história oral tornou-se a contra a história, ou seja, uma espécie de oposição àquela antiga história da nação, agora voltada para o comunitário, para a história local, no entanto como adverte Alberti: “Por trás desse movimento, estava a crença de que era possível reconciliar o saber com o povo e se voltar para a História dos humildes, dos primitivos, dos ‘sem história’”. (2008, p.158).

A chamada História oral ‘militante’ ocasionou a ocorrência de alguns equívocos. O primeiro desses equívocos diz respeito em entender que os relatos vindos por meio das entrevistas de História Oral já eram a própria “História” e não apenas uma fonte de estudo, tornando-se a revelação do real, “levando à ilusão de se chegar à ‘verdade do povo’”. Outro equívoco a da História oral militante consiste aos usos da noção de História ‘democrática’, ou ‘vista de baixo’ dessa forma as:

Polarizações do tipo de História ‘de baixo’ *versus* História ‘de cima’ contribui para diluir a própria especificidade e relevância da História oral- ou seja-, a de permitir o registro e o estudo da experiência de um número cada vez maior de grupos, e não apenas dos que se situam em uma posição ou outra na escala social. (ALBERTI, 2008, p.158).

Depois do sucesso da História oral “militante”, na década de 1970, nota-se algumas tentativas de estruturação da metodologia, por alto, pode-se falar que devagar a História “militante” foi se passando à História acadêmica. Nessa época, principalmente nos Estados Unidos, foram publicados manuais de História Oral, com a intenção de constituir padrões na coleta e no tratamento de entrevistas, em algumas áreas começaram a aparecer pesquisas menos “populistas”, como por exemplo, uma pesquisa feita na França sobre a previdência

social. Foi nesse período também que pesquisadores da Europa e dos EUA passaram a se reunir em encontros internacionais.

2.2. A História Oral no Brasil.

A história da História Oral no Brasil esteve associada os dilemas das políticas autoritárias, diferentemente dos países que tiveram longos períodos políticos democráticos onde a inscrição da prática da História oral ocorreu naturalmente. Como cita Meihy, Holanda:

Seria um erro não reconhecer os dilemas de gestão em história oral de culturas que padeceram controle da própria produção reflexiva. Erro maior, porém, é pensar que a importação de modelos pode dar conta de explicações sobre locais em que houve traumas dos silenciamentos. (2007, p.109).

O Brasil tal como outros países das América Latina, passou por esses períodos de interrupções democráticas. Juntasse a isso a falta de prática em relacionar processos amplos, nacionais, com situações locais, individuais ou de pequenos grupos. Outro fator em prejudicou o desenvolvimento da história oral no Brasil é a disputa projetada também no reconhecimento de instituições e pessoas que fora da academia fazem trabalhos usando o registro da entrevista. No entanto contrariamente uma nova tendência passa a atuar na mudança dessa situação; o impacto nos círculos universitários das teorias do “tempo presente” traz a tona o fenômeno das entrevistas. Dessa maneira a história oral:

Projeta-se como um atalho para cortar a longa distância historiograficamente proposta por quantos viam a cultura apenas como forma de estudo. Porque, ainda que se usem estrategicamente os subterfúgios da interdisciplinaridade cada disciplina universitária reivindicava os seus pressupostos metodológicos (MEIHY, HOLANDA, 2007, p.110).

Em consequência da combinação da tradição universitária nacional com os efeitos do golpe militar de 1964 no Brasil, formou-se um divisor de difícil rompimento em um lado a prática dos oralistas e do outro lado os demais. No entanto foi o mesmo silêncio imposto

pelo golpe que serviu como causa para que ocorresse o surgimento de uma história oral vibrante, contestatória e prezada por ser vista como contra- história. Sendo assim é certo afirma que a história oral brasileira é uma opção para a afirmação da democracia, sendo visível deste a campanha pela Anistia, no fim dos anos 1970 e especialmente depois da definição da Abertura Política, observar-se um grande desejo de se registrar a memória do tempo difícil.

A história oral no Brasil passou por um período que pode ser identificado com pré-história da história oral, tendo em vista, que em 1975 a fundação Ford juntamente com a Fundação Getúlio Vargas do Rio de Janeiro, tentou promover uma organização de alcance nacional que não vingou por falta de um ambiente democrático. “A proposta fundadora do programa era estudar o desempenho das elites brasileiras desde a década de 1930.” (ALBERTI, 2008, p.160). Apesar daquela experiência não passar apenas de uma reunião de amigos, tendo em vista que a falta de vínculo com a sociedade em geral, foi responsável pelo surgimento do programa de história oral brasileira que se mantém até hoje sem grandes mudanças, enfatizando mais os arquivos que propriamente seu caráter crítico. A história oral contextualizada nos anos do golpe militar.

Não ganhou o público, não contagiou adeptos à prática de entrevistas e nem se formou na escola irradiadora de pesquisa [...], contudo projetou um lado positivo, de depósito de um excelente acervo, referência obrigatória a qualquer estudo sobre elite nacional, em particular de autoridades vinculadas ao poder. (MEIHY, HOLANDA, 2007, p.113).

Resumindo a experiência brasileira e considerando a reintrodução da história oral no Brasil em 1983 podemos de acordo Meihy e Holanda, destacar três pontos obscuros que marcaram a sua trajetória: Primeiro: O fato de ter se originado exilada. Segundo: o fato de ser prender em certos casos, ao colonialismo dependentista e o terceiro: por ser esconder do meio acadêmico e nega-se à inclusão de outros setores capazes de produzir conhecimento. De modo geral, a história oral no Brasil apesar de ser polêmica é uma promessa que prova a existência de grupos dinâmicos, organizados e criativos, como por exemplo, os da UFPE, PUC/SP entre outros.

A consolidação e a disseminação da história oral no Brasil e no mundo são atualmente inegáveis. O público que frequência os encontros regionais, nacionais e internacionais tem crescido bastante. Na academia, o debate

das décadas de 1980 e 1990, que buscou sistematizar as experiências e refletir seriamente sobre as bases e implicações metodológicas da História Oral, contribuiu para que o trabalho com entrevista já não seja visto com a mesma desconfiança de antes. (ALBERTI, 2008, p.163).

2.3. Emergência da História Cultural: E o uso das entrevistas orais nas pesquisas historiográficas.

A oportunidade de registrar as sensibilidades de grupos cujas histórias dificilmente eram estudadas significou um avanço para as disciplinas das ciências humanas. Porém essa mudança só foi possível depois de uma grande transformação dessas ciências, falando especialmente no caso da história essa alteração se deve a mudança na própria disciplina, tendo em vista que durante muito tempo, desde a perspectiva positivista dominante do século XIX, a História priorizou o escrito em detrimento do oral. Posteriormente, o destaque sobre o processo de longa duração e o estudo preferencial das fontes seriais preservado pela Escola dos Annales (1929), quase nunca deixavam espaço para o indivíduo na História. “Considerava-se que os relatos pessoais, as histórias de vida e as biografias não contribuíram para o conhecimento do passado, pois são subjetivos, muitas vezes distorcem os fatos” (ALBERTI, 2008, p.163).

A partir da década de 1980 essas convicções sobre o que seria próprio da História passaram por mudanças observar-se o que Peter Burke chamada de “virada cultural”, no momento que se vive a “crise de paradigmas”, sendo preciso apontar novas formas de entender o homem e o mundo que passa por grandes transformações na “era da globalização. O advento da História cultural, apresentando aqui nessa pesquisa anteriormente, possibilitou uma análise com uma maior abrangência de elementos no campo da pesquisa historiográfica, possibilitando ao historiador uma ampliação do seu objeto de trabalho por meio das novas temáticas introduzidas nos estudos da história.

Com a História Cultural e com suas novas tendências ficou viável para o historiador trabalhar com novas fontes da história, permitindo um conhecimento mais problematizador. Surgiram novos objetos, e os historiadores passaram a se interessar também pela vida cotidiana, pela família pelos gestos do trabalho, pelos rituais, pelas festas e pelas formas de sociabilidades podem ser abordados por meio de entrevistas de História Oral. (idem. p.165). Não só a história oral, mais também registros sonoros (músicas, gravações), iconográficos (fotografias, caricaturas, pinturas, desenhos), filmes, monumentos, objetos de artesanato, etc são possíveis de se tornarem fontes para as pesquisas que se enguam a dimensão cultural.

2.3.1. A história oral em nossa pesquisa.

Nessa pesquisa vamos usar a história oral, tendo em vista que pretendemos por meio dos relatos, ingressarmos nas lembranças dos moradores mais “antigos” de Soledade, como cita Bosi, “a memória do velho é uma evocação pura, ‘onírica’ do passado” (2014, p.60). Com intuito de investigar como os nossos colaboradores experimentaram o passado, questionando entendimentos cristalizados sobre o acontecimento por nós estudado, visto que faz parte do senso comum da urbe de Soledade entender a construção da estrada e rodagem e por consequência a chegada da BR- 230, apenas ligada a questão econômica, não sendo questionado como esses empreendimentos foram vistos pela população local e se isso afetou a rotina diária desses moradores. Como cita Halbwachs: “Um homem, para evocar seu próprio passado, tem frequentemente necessidade de fazer apelo às lembranças dos outros. Ele se reporta a pontos de referência que existem fora dele, e que são fixados pela sociedade.” (HALBWACHS, 1990, p.54).

Vale ressaltar que ao utilizamos as entrevistas orais, iremos empregar esses relatos como fontes a ser analisada e não um “retrato” do passado. Como toda fonte, os relatos das entrevistas necessitam serem visto como “documento monumento”, como descreve o historiador Jaques Le Goff :

É antes de mais nada o resultado de uma montagem, consciente ou inconsciente, da história, da época, da sociedade que o produziu, mas também das épocas sucessivas durante as quais continuou a viver, talvez esquecido, ainda que pelo silêncio. O documento é uma coisa que fica, que dura, e o testemunho, o ensinamento que ele traz deve ser em primeiro lugar analisado desmistificando lhe o seu significado aparente. O documento é monumento. Resulta do esforço das sociedades históricas para impor ao futuro -voluntária ou involuntariamente- determinada imagem de si próprias. No limite, não existe um documento-verdade. Todo documento é mentira. Cabe ao historiador não fazer o papel de ingênuo. [...] um monumento é em primeiro lugar uma roupagem, uma aparência enganadora, uma montagem. É preciso começar por desmontar, demolir esta montagem, desestruturar esta construção e analisar as condições de produção dos documentos- monumentos. (Le Goff, 1984, p.102).

Sendo assim, a tarefa principal do pesquisador é a crítica do documento, o historiador que se aventura a trabalhar com a fonte oral, como é o nosso caso, deve ter a capacidade de analisar as condições de sua produção.

Le Goff afirma ainda, que todo documento é mentira, não devemos entender no caso relatos orais, por exemplo, como sendo mera invenção por parte do memorialista, ao pesquisado cabe à função de saber ouvir, tanto do que tange as condições de sua produção quanto no que diz respeito à narrativa do entrevistado.

É provável que uma entrevista que possa ser revista pelo seu colaborador posteriormente possa apresentar conflitos entre a memória curta e a de longa duração, visto que o memorialista não estará mais se sentindo pressionado a oferecer respostas rápidas uma vez que, no instante do depoimento há existência de mecanismos subjetivos (como envolvimento do acontecimento) e objetivos (stress, nervosismo), dessa forma é importante a compreensão do processo neurofisiológico da memória para o historiador. Em outras palavras, o pesquisador pode levar o memorialista a um instante de defesa, levando a perda de detalhes, tendo em vista que uma memória muito exposta terá muito mais chance de se artificializada.

Dai advém às críticas que as fontes orais já sofreram, pela questão das distorções da memória, tendo em vista que se acreditava que não se podia confiar nos relatos dos entrevistados, no entanto vale salientar que a entrevista é produzida para ser “monumento” de acordo com ALBERTI (2008) o seu caráter intencional de perpetuação de uma determinada memória sobre o passado fica claro já na escolha do entrevistado como testemunha importante a ser ouvida.

2.4. Nossos colaboradores e suas memórias.

Mais o que seria memória? Em uma definição mais cotidiana, remete a memória como um processo parcial e limitado de lembrar fatos passados, ou aquilo que um indivíduo entende como passado. De acordo com Barros (2009) existe também uma significação vulgar que corresponde à Memória a uma categoria estática relacionada à imagem de depósito de dados. A memória aparece dessa forma apenas como uma mera atualização mecânica de vestígios por vezes imprecisos, no entanto o próprio Barros cita que essa concepção de memória não se faz mais presente no meio das ciências humanas. Observa-se que a Memória vem cada vez mais sendo entendida como fenômeno complexo: “não envolve apenas a ordenação de vestígios, como também a releitura de vestígios”. (CHANGEUX. 1972, apud BARROS, 2009.p.41). Dessa forma vemos que a memória, mesmo na esfera da vida biológica individual, deixa cada vez mais de ser entendida como passiva sendo agora assimilada como um processo ativo, dinâmico, complexo, interativo.

Como destaca Barros (2009) a reviravolta na percepção da memória apresenta várias aberturas para a história: desde uma possibilidade para que a própria historiografia possa repensar seus pressupostos fundamentais, até as possibilidades de uso da Memória – coletiva ou individual – como fonte histórica, como nos mostra HALBWACHS (1990), que a memória não deve ser apenas entendida como um fenômeno individual, pois também é uma memória social, portanto ao conhecer a história de alguns sujeitos deve-se entender o individual relacionado com o coletivo. Ao contrário do que se acreditava que a memórias era um processo exclusivamente individual, as pesquisas recentes indicam que, mesmo essa memória individual sempre envolve importantes dimensões coletivas. Sendo assim:

[...] tanto a dimensão da Memória Coletiva contribuiu para permitir uma abordagem mais complexa da Memória Individual, como as crescentes descobertas científicas sobre a Memória Individual também produziram motivações importantes para uma ressignificação da noção de Memória Coletiva. É assim que, nos dias de hoje, a reflexão sobre a Memória Coletiva tem sido recebida na maior parte dos setores historiográficos de uma nova maneira. (Barros, 2009, p.41).

Por meio das entrevistas orais, vamos percorrer o passado sugerido da cidade de Soledade, mediante as lembranças despertadas como “um príncipe encantado de passagem, que desperta um momento, a Bela-Adormecida-no-Bosque de nossas histórias sem palavras”. (CERTEAU, 2012, p.187). Ressaltando a ideia de que a história hoje não tem mais a ambição de estabelecer “os fatos tais como realmente aconteceram”, Como cita Barros (2009) a Memória Individual deixou mesmo de ser um problema maior e passou à possibilidade de serelaborado até mesmo como uma riqueza epistemológica pelos historiadores que trabalham de acordo com a perspectiva de uma História-Problema.

Nesse ponto faz-se necessário atentar para o fato de que, se memória e história são coisas distintas e geram espaços de saber diferenciados.

Memória, história: longe de serem sinônimos, tomamos consciência que tudo opõe uma à outra. A memória é vida, sempre carregada por grupos vivos [...]. A história é a reconstrução sempre problemática e incompleta do que não existe mais [...]. (NORA, 1993, p.09).

Barros (2009) nos aponta a diversidade de riquezas que pode ser trazida pela interpenetração entre Memória e História. Destacando o alerta feito por Paul Ricoeur, que mostra os ganhos da busca de uma "política da justa memória", o que as possibilidades de uma memória "esclarecida pela historiografia" e a de uma historiografia profissional passível de "reanimar uma memória declinante". Barros também lembra Michael Pollak, com o artigo "Memória, esquecimento, silêncio" (1989) onde são apresentados os aspectos mais específicos no que se referem ao uso da memória como fonte histórica.

Vale ressaltar como um dos desenvolvimentos recentes da reflexão sobre a memória a noção de que esta se refere não apenas ao passado e ao presente, mas também ao Futuro, Ricoeur (2007) observar para o fato de que a Memória é sempre a de alguém (ou de um grupo) que faz projetos e visa ao devir. De forma, existirá também a manipulação da Memória pelos projetos futuros e pelos poderes do presente.

Capítulo 3

E NO MEIO NO CAMINHO: TINHA SOLEDADE

Essa pesquisa surgiu da vontade de investigar como a cidade de SOLEDADE-PB foi sentida pelos seus moradores com a construção da estrada de rodagem e depois com a chegada da BR-230, tendo em vista que sempre percebemos a prática dos moradores mais antigos de se reunirem na praça ou mesmo em suas casas para conversarem enquanto ficavam a observar o movimento dos carros. Nossa temática nasceu do desejo de tentar verificar se esse costume teve início ou sofreu alguma alteração com a chegada da BR- 230.

Com esse intuito iremos primeiro abordar aqui nesse capítulo, como se deu a construção da estrada de rodagem, quais os interesses por trás dessa construção, que grupos sociais foram enunciadores desse empreendimento, sempre buscando analisar como os moradores perceberam essa construção. Depois iremos nos deter a chegada da BR-230 na urbe citada, tentando questionar se ocorreram mudanças na vida da população, se o costume de ficar na praça ou calças acompanhando o movimento foi um hábito surgido a partir desse momento ou passou por alguma alteração.

Apresentamos algumas veredas interpretativas para o passado urbano de Soledade por meio de lembranças de alguns de seus antigos moradores, acreditando que “nossos habitats sucessivos jamais desaparecem totalmente, nós os deixamos sem deixa-los, pois habitam por sua vez, invisíveis e presentes, nas nossas memórias e nos nossos sonhos.” (CERTEAU, 2012, p.207). Buscaremos analisar a partir das memórias desses nossos colaboradores as sensibilidades vividas pela população no ano da chegada desses empreendimentos, tendo em vista que nossa problemática gira em torno da dimensão História Cultural, abordaremos o campo temático das cidades, buscando com o conceito de representação e sensibilidades confrontar como nossos memorialistas perceberam a construção dessas estradas.

3.1. Se não tem ferrovia ao menos temos uma estrada de rodagem: A construção do ramal rodoviário.

No governo de Nilo Peçanha, foi criada a Inspeção de Obras Contra a Seca no ano de 1909, nesse período Soledade contava com o Açude Maior construído no ano de 1895,

sendo o único existente em relativos à açudagem na Paraíba. Por iniciativa do governo estadual em 1918 a então vila de Soledade estaria adquirindo uma estrada de rodagem, responsável por fazer ligação entre a vila e Campina Grande o que tornaria as viagens para o sertão paraibano menos demoradas.

No entanto vale ressaltar que nesse período os discursões a nível mundial em relação a transportes, fazia-se alusão à construção de linhas férreas, tendo em vista que o trem era entendido como um símbolo do progresso. Mesmo que a Paraíba tenha recebido ainda no século XIX, alguns ramais ferroviários, a maior parte do território, porém, ainda continuava pobre de vias de transporte, Campina Grande apesar de ser maior cidade do interior paraibano, só pode contar com esse entendimento no ano de 1907 vindo a ser tornar cidade de ponta de trilho.

Mesmo que a vereda dos bandeirantes fosse usada regulamente por retirantes ou outros viajantes, a estrada oficial que se tinha ligado o litoral ao sertão paraibano e que estava localizada mais próxima à vila de Soledade era a que passava adjacente ao povoado de Bonsucesso, futuro distrito da cidade.

De início, o projeto oficial seria a construção de um ramal rodoviário que ligasse Campina Grande a Patos, no entanto só foi possível a construção do trecho Campina-Soledade. O governo federal queria aproveitar a ocasião da seca de 1915 para tentar diminuir os problemas relacionados às distancias e incomunicabilidade entre os povoamentos e vilas da Paraíba, o drama da seca ainda servia como ponto que fundamentava discurso político.

Havia duas propostas para a abertura dessa rodovia que tinha como órgão federal responsável pelo projeto o Instituto Federal de Obras contra as Secas (IFOCs). A primeira proposta faria roteiro Campina Grande, Boa Vista, Santo André, Taperoá, Passagem até chegar a Patos. Deixando a vila Soledade de fora desse itinerário, o que foi entendido pela classe política e por parte da população como algo prejudicial, tendo em vista que a vila, futura cidade, ficaria marcada como uma cidade sem vida. A outra proposta que teria Soledade como ponto de passagem, partiria de Campina Grande, seguindo por Soledade, Juazeirinho, Junco, Santa Luzia, São Mamede e Patos.

A proximidade existente entre os Nóbregas de Soledade (família “ilustre” de grande influência política) com o prefeito de Campina Grande Cristiano Laretzen foi de grande influência para a escolha da proposta que tinha a vila de Soledade como ponto de passagem da estrada de rodagem. As obras que tiveram iniciam em 1915 só foram encerradas em

1918. Fica clara a influência de Lauretzen, ao observamos a carta escrita por Eptácio Pessoa relatando a Cristiano como se daria a construção da estrada:

Faço da estrada de Soledade a Cajazeiras questão fechada. Penso que dela e das ramificações que hão de vir depende o futuro econômico da Paraíba. [...] Como a partir de Soledade segundo me informam, o caminho é o mesmo tanto para Patos como para Santa Luzia, o governador pode começar o trabalho e ao mesmo tempo mandar estudar o traçado de Santa Luzia. [...] Não devemos esquecer que a estrada é federal, é convém que como tal permaneça, para que eu possa ir aqui obtendo créditos necessários à sua construção e conclusão. (Revista Campinense de Cultura, 1965).

Se de início, Soledade não foi presenteada pela linha ferroviária, pelo menos podia contar com um similar, não ficando diante do contexto paraibano incluída como uma “cidade morta” com a construção da estrada de rodagem oficial que ligaria o litoral ao sertão paraibano. A partir de 1919 se tornou a estrada rodoviária oficial que ligava o sertão ao litoral paraibano, foram às vias percorridas pelos primeiros colonizadores ainda no período colonial. Segundo Pereira (2010) embora não se tenha relato de festejos da inauguração da estrada de rodagem é possível que nesse momento Soledade se apresentasse em festa e que a orquestra Sociedade Filarmônica Soledadense fundada em 1917 estivesse presente nesse momento animando a população. A partir dessa construção da estrada de rodagem novos lugares passaram a serem edificadas.

Hotéis, bodegas e barzinhos germinavam da terra de acordo com o fluxo de passantes, o tráfico de automóveis na estrada de rodagem intensificava com o transporte de algodão que era procurando em toda região, na qual a cidade de Soledade era passagem obrigatória. Na medida em que o fluxo de passantes ou de novos moradores aumentava, surgia, em ‘pequena dose’ novos espaços de sociabilização que viesse atender os interesses desses novos moradores e dos passantes. (PEREIRA, 2010, p.92).

Podemos entender que essa cidade do passado é sempre pensada por meio do presente, que se reconstrói sempre no tempo do agora, É dessa maneira, que como fala Pesavento que uma cidade inventa seu passado.

E nessa medida que uma cidade inventa seu passado, construindo um mito das origens, recolhendo as lendas, descobrindo seus pais ancestrais, elegendo seus heróis fundadores, identificando um patrimônio, catalogando monumentos, atribuindo significados aos lugares e aos personagens, definindo tradições, impondo ritos. Mais do que isso, tal processo imaginário de invenção da cidade e de escrita de sua história é capaz de construir utopias, regressivas ou progressivas, através das quais a urbe sonha a si mesma. (PESAVENTO. 2007. p.11).

No entanto a primeira viagem de automóvel de acordo como Inocêncio Nóbrega¹ ocorreu ainda em 1914, nessa época o transporte de passageiros se caracterizava por carros de boi e cavalos. A comitiva saiu de Campina Grande (PB) com destino ao município de Taperoá (PB) tendo Soledade como ponto de passagem, tal como em Princesa Isabel “O automóvel chegou com muita dificuldade, devido à precariedade de estradas carroçáveis.” (MARIANO, 2010, p. 63). Ainda havia outro grupo que seguia de trem conduzindo picaretas, marretas, pás e enxadas para remoção de tocos e pedregulhos existentes nos poucos acessos das carroças, além de novas aberturas de trilhas em partes cobertas pela vegetação. Nesse período já havia gestões junto ao governo, pela construção de um acesso entre a Campina Grande o Sertão tendo Soledade como percurso. A passagem desse automóvel em 1914 provocou grande entusiasmo e curiosidade da população que olhava com espanto aquele veículo de transporte. “O automóvel causou nas pessoas uma sensação de encantamento e medo” (MARIANO, 2010, p. 63).

3.2. A arte da observação: O costume de um povo

Até aqui apresentamos um pequeno panorama de como foi à construção da estrada de rodagem por iniciativa do governo estadual, essa que futuramente viria a ser tornar um trecho da BR-230. Sabendo, no entanto, que nosso objetivo é investigar o costume de observação da movimentação dos transportes motores por parte dos moradores é um hábito iniciado com a chegada da BR-230, ou já era um costume presente na cidade; teremos que

¹ Inocêncio Nóbrega escritor de Malhada das Areias Brancas, livro que de forma saudosista conta a história do município de Soledade, é nessa obra que pela primeira vez a origem de Soledade é apresentada a partir da fazenda do Português João Gouveia de Sousa, chamada Malhada Vermelha e depois Malhadas das Areias Brancas.

primeiramente, analisar como a estrada de rodagem era vivenciada pelos habitantes de Soledade.

De acordo com a colaboradora Maria do Carmo Gouveia, quando perguntada quais eram suas lembranças da estrada de rodagem, a imagem que lhe vem à mente é de uma estrada cheia de deformidades “daqui para Campina Grande era horrível, não tinha asfalto era só poeira, a estrada era toda cheia de trepidação, horrível, horrível a estrada”. Apesar da presença de buracos é muita poeira já em meados de 1920, era possível verificar a presença de alguns membros da família Nobrêga, com seus veículos motorizados, desfilando pelas ruas de terra batida ou estradas esburacadas, havia ainda outros cidadãos que desfilavam em um cabriolé, mesmo sendo ainda predominante o tráfego de transporte de tração animal.

De acordo com Nóbrega Filho (1974), foi a partir década de 1950 é que começa a haver linhas regulares de transportes coletivos vindos dos sertões, como relata nossa colaboradora:

Antigamente o povo só tinha de ônibus aqui, um que era de Patos que se chamava o Correio e o outro se chamava Sopa que era de Taperoá entendeu? Ai chagava uma vez todos os dias ela passava por aqui e era os dois carros que tinha maior movimento aqui eram esses, o Correio e a Sopa de Taperoá. Ai o pessoal tenha esse costume de ficar esperando para ver esses carros passarem. [...] Cinco horas quando chegava o ônibus de Taperoá todo mundo ficava esperando, que ia chagar alguém, que ia chegar encomenda cinco horas da tarde, mesmo com a poeira que era muita poeira. (MARIA DO CARMO GOUVEIA, 2010).

Antes desses ônibus o transporte era feito por meio apenas dos caminhões mistos; sendo os passageiros divididos da seguinte maneira: a primeira classe, onde se pagava mais com tudo viajava-se no banco da frente da boleia; a segunda classe, aonde se ia dentro, mas em bancos de madeira; e a terceira classe, indo na caçamba, junto com a carga. “Nesse tempo não tinha ônibus, era um caminhão de duas boleias ai chamava o misto, num sabe! Quando a gente conseguia ir naboieia, era uma maravilha, se não ia em cima da carga de lenha ou algodão”.(MANUEL CAETANO DE SOUTO NETO, 2013). Além do desconforto da viagem ocasionada tanto pelo transporte como pela estrada de terra, nosso memorialista relata ainda a demora da viagem: “A gente ia para Campina, nesse tempo transporte era muito pouco, a gente nesse tempo não tinha ônibus, era um caminhão de duas boleia ai chamava de misto num, sabe! Ai passava quase três horas para chega em Campina, era tempo demais (risos)”. (Idem).

Vamos caminhando junto com os nossos memorialistas em busca de verificar rastros, pistas tentando analisar se já nesse período da estrada de rodagem era notório a presença de pessoas observando o movimento desses poucos transportes motores. Como afirma Ginzburg (1989), o historiador, como um caçador primitivo, aprende a capturar- a partir de pistas, rastros muitas vezes fugidos, os fios de uma narrativa.

O senhor Erasmo nos relata a seguinte afirmação: “eu já gostava de ficar olhando os carros, eu gostava de ficar com meus amigos, a movimentação dos carros era pouca porque tinha poucos carros nesse tempo”. Ainda segundo o memorialista, as reuniões com seus amigos ocorriam principalmente na parte da tarde “De quatro horas, era a hora que a gente se sentava para ficar olhando o movimento.” (ERASMO, 2014). A senhora Maria do Carmo Gouveia também confirma a afirmação feita pelo senhor Erasmo:

Sim, com essa estrada de terra né eu já tinha o costume de ver os carros passar, porque isso aqui era bem largo, não tinha essa rodoviária aqui na frente, nem praça nem nada era muito largo Soledade, então a gente ficava sentada, nessa época era tudo carro antigo, carro de carroceria de madeira, entendeu! (MARIA DO CARMO GOUVEIA, 2014).

Buscamos deixar que os nossos colaboradores expressassem suas lembranças, como salienta Bosi (2004), que nos convida a ir às lembranças dos velhos, tendo em vista que ela é a sobrevivência do passado: “Ao lembrar o passado ele não está descansando, por um instante, das lides cotidianas, não está se entregando fugitivamente às delícias do sonho: ele está se ocupando consciente e atentamente do próprio passado, da substancia mesmo a sua vida”. (p.60).

Ao analisar os relatos de memória, uma parte dos nossos questionamentos começa a serem respondidos, visto que sabemos agorade acordo com os colaboradores que ainda no período da estrada de rodagem, os habitantes de Soledade já tinham o hábito de se reunirem para conversarem enquanto ficavam observar o passar dos carros. Concluimos então, que esse costume não surgiu apenas depois da chegada da BR-230.

Porém, outras perguntas nos surgem, como por exemplo, será que essa prática era comum tanto entre os homens como mulheres? Ou será que existia um grupo maior de homens? Quais eram os interesses de cada grupo? Para tentar responder essas indagações vamos analisar outros relatos memorialísticos.

A nossa memorialista dona Joanita Oliveira, nos descreve como era a estrada de rodagem, a colaboradora também nos apresenta que mesmo antes da “pista” (BR.230), já

existia por parte da população esse costume de ficar acompanhando a movimentação na estrada mesmo que essa observação ocorresse dentro de casa.

Como tinha, sim, aqui a gente não via carro parado, estacionado assim na rua como agora, era poucos o que passavam tinha hora certa todo dia tudo carro velho uma poeira, eu e minha comadre via de casa mesmo, eu morava naquela casa onde hoje é a pousada, não tem? Pronto era ali a minha casa, ficava costurando e olhando os carros de vez em quando, passando. Eu ia para Campina de carona, quem tinha carro nesse tempo era rico, aqui. (JOANITA DE OLIVEIRA. 2014).

Analisando o relato da Senhora Joanita, percebemos que para essa memorialista, a observação da rua, mais precisamente da estrada de rodagem, feita por ela e por outras mulheres acontecia de dentro de casa. Dessa forma, notamos que espaço da rua era mais destinado aos homens ficando as mulheres restritas ao espaço privado dos seus lares. Mesmo nas declarações como da senhora Maria no Carmo Gouveia que cita que ficava na calçada de casa conversando e olhando a movimentação, podemos notar que era uma ação controlada tendo em vista que a nossa depoente descreve: “eu era costumada a ficar com a minha família sempre com meu pai ou algum irmão por perto” (MARIA DO CARMO GOVEIA, 2014) diferentemente do relato do senhor Erasmo que declara que todas as tardes possuía o hábito de se encontrar com os amigos para conversar enquanto ficavam acompanhando os carros passarem, costume esse preservado pelo nosso memorialista até os dias de hoje, visto que a nossa entrevista com ele se deu em seu horário de observação e conversa com amigos de longas datas.

Entendemos então que, a prática de sentar-se nas calças ou em lugares públicos como a praça e ficar a observar a movimentação dos transportes já acontecia no período da estrada de rodagem, e que apesar de algumas mulheres terem esse costume, eram os homens os principais espectadores, as mulheres quando possuíam esse hábito fora dos lares, eram sempre supervisionadas pela família especialmente por uma figura masculina.

3.3. O projeto da linha férrea finalmente chega a Soledade.

Mesmo que já na década de 1920 houvessem ocorrido algumas especulações em relação à linha férrea, essa só chegara a Soledade a partir da década de 1950, “estava perto

do centenário da instalação do primeiro trem no Brasil quando os serviços de construção do ramal que ligaria a Borborema ao Sertão foram iniciados.” (PEREIRA 2010).

Ainda que a rede ferroviária tenha chegado a Soledade no momento em que o tráfego rodoviário começou a ganhar força, a linha férrea possibilitou a Soledade um crescimento demográfico e desenvolvimento na economia, tanto em relação ao transporte de mercadorias como de passageiros, bem como no que se refere ao movimento de comércio informal de alimentos ou mesmo a arrecadação de impostos sob o escoamento de produtos que eram encaminhados para serem vendidos em Soledade.

As obras para a construção do ramal Campina Grande, Patos tendo Soledade como passagem iniciou ainda na década de 1940. Nesse período houve um alistamento de grande número de trabalhadores que iam em direção ao sertão limpando caminho, explodindo rochas, derrubando árvores, tudo com o objetivo da instalação os famosos “trilhos do progresso”.

Trabalhou gente demais vinha gente de todo nordeste [...] ficou muita gente demais aqui em Soledade, graças a Deus o povo gostava muito e vinha trabalhar e ficada por aqui [...] foi muito útil para Soledade naquele tempo era difícil num sabe! Encontrar serviço que quisesse trabalhar, trabalhava. Casa eles alugaram muitas por ai a fora e as que tinham aqui também. (MANUEL CAETANO DE SOUTO NETO, 2013).

Caminhões responsáveis por transportar os materiais e as ferramentas para a obra ocasionaram pequenos congestionamentos na Rua Principal, como esclarece Pereira (2010) os trilhos do trem deu um ritmo novo ao cotidiano dos Soledadenses, estando às obras praticamente concluídas em 1956. Segundo Nóbrega Filho (1974) a linha férrea Campina Grande – Soledade teve sua inauguração no dia 21 de Janeiro de 1956. Pereira (2010), ainda descreve que a estação ferroviária de Soledade contou com edificação de dois prédios que divido a ansiedade para o termino, não teve muitos requintes, havendo pouca preocupação com arquitetura mesmo construída no estilo *art déco*, porém os usuários dispunham de um espaço confortável para aguardarem a chegada o trem.

Um grande número de pessoas reuniu-se nas adjacências da estação ferroviária para verem, pela primeira vez o trem em Soledade, sendo que muitos dos que ali estavam iriam ver pela primeira vez na vida aquela máquina. O público esperava ansiosamente a chegada do trem que já estava com certo atraso. “veio uma Maria fumaça num sabe, apitando e tome

apito, na chegada do trem foi gente demais, num sabe”. (MANOEL CAETANO DE SOUTO NETO, 2013).

Podemos observar que o entusiasmo, admiração até mesmo o medo e espanto presente na população de Soledade é semelhante ao que foi vivenciado pela população no Rio de Janeiro meados de 1854 no período da inauguração do primeiro trem, ou mesmo em “algumas cidades do brejo paraibano, na capital Parayba do Norte, ainda no século XIX, e em Campina Grande em 1907”. (PEREIRA, 2010, p.94).

De acordo com Nobrega Filho (1974), o trecho Campina Grande- Patos, só veio a ser inaugurado oficialmente em 1958; período que em os soledadenses já estavam mais habituados ao barulho, à presença e o prestígio vindos com o trem.

3. 4. Surge uma BR: O Brasil no período da chegada da BR-230 em Soledade

Depois de apresentamos como se deu a construção da estrada de rodagem em Soledade, tento também desvendado por meio dos relatos memorialísticos que o costume de ficar nas calças ou praça acompanhando a movimentação dos transportes já era um hábito existente com a estrada de terra. Iremos agora nos deter a chegada da BR-230 na urbe citada.

A BR-230 fez parte do programa de integração nacional durante o período de governo do regime civil militar implantado no Brasil por meio do golpe de 1964. Tendo como projeto original, a estrada se ampliaria por oito mil quilômetros e ligaria o Atlântico ao Pacífico, atravessando toda a América do Sul de leste a oeste. Sofrendo modificações para um projeto que chegaria apenas até a fronteira do Brasil com o Peru, mas as obras pararam bem antes. No entanto, com 4.223 quilômetros de extensão, a Transamazônica como é conhecida a BR-230 é uma das maiores rodovias do mundo. Atravessando sete estados (Paraíba, Ceará, Maranhão, Tocantins, Piauí, Pará e Amazonas), além de cortar 63 municípios.

A construção do trecho da BR-230 que passa por Soledade, foi um projeto empreendido durante o governo de João Agripino de Vasconcelos Maia Filho, que foi governador da Paraíba de 31 de janeiro de 1966 a 15 de março de 1971. João Agripino apoiou o golpe militar que, em 1964 que derrubou o presidente João Goulart; com a instauração do bipartidarismo, filiou-se à Aliança Renovadora Nacional (ARENA).

Guiados pelos nossos memorialistas vamos buscando nos transportar para o passado, tentando sentir quais foram às expectativas criadas na urbe com a promessa da chegada da

BR. Se o projeto ou mesmo se o início das obras ocasionou alguma mudança na forma da população entender e ver a cidade:

Foi uma grande expectativa da BR. chegar aqui, porque as máquinas eram uma novidade sabe, quando chegava uma máquina, tinha uma turma de pessoas que viam trabalhar aqui de jovens e foi uma época muito boa para a juventude cada uma tinha o seu paquera (risos), trabalhava pelo DER, até que enfim foi à inauguração né em agosto de 1968, agosto. (MARIA DO CARMO GOUVEIA, 2014).

Em Soledade o projeto de construção da BR-230 também era visto com descredito, visto que diversos governos anteriores haviam tentado a sua implantação nunca passando de Campina Grande;

No governo de João Agripino. Ele disse que ia fazer o asfalto. De Cabedelo a Cajazeiras eu que sofria viajando naqueles carros velhos, junto com cargas, disse: João Agripino tá doido! Mais de 20 anos os governos começou essa construção e nunca a passou de Campina Grande. (MANUEL CAETANO DE SOUTO NETO. 2013).

Essa mudança tem grande interferência no cotidiano das pessoas dessa cidade, visto que essa população vai agora consumindo o que a cidade oferece. E o que é oferecido neste momento é algo deslumbrante aos olhos de alguns moradores incrédulos e ao mesmo tempo outros ansiosos por esta novidade. Como descreve Pesavento:

Às cidades reais, concretas, visuais, tácteis, consumidas e usadas no dia-a-dia, corresponderam outras tantas cidades imaginárias, a mostrar que o urbano é bem a obra máxima do homem, obra esta que ele não cessa de reconstruir, pelo pensamento e pela ação, criando outras tantas cidades, no pensamento na ação, ao longo dos séculos. (2007, p.11).

No entanto não podemos aqui afirmar que a chegada da BR-230 foi entendida por todos moradores como sendo um empreendimento responsável por criar uma expectativa de melhoria de vida, tendo em vista que para alguns dos nossos memorialistas a chegada da rodovia representou a princípio um temor de que se pudesse ocorrer à perda de “tranquilidade familiar”. Nossa própria memorialista que viu com grande entusiasmo a chegada do grupo de trabalhadores responsáveis pela obra, de início nos mostra que teve esse temor de que Soledade perdesse seu aspecto pacto “naquela época da estrada de terra

tinha um aconchego familiar às famílias se reuniam e ficavam tudo conversando. Eu gostava também, aproveitava dava umas paqueradinhas. (risos)” (MARIA DO CARMO GOUVEIA, 2014). Nota-se pelo relato da nossa colaboradora, que a cidade de Soledade era entendida por ela, como sendo um lugar sossegado e que a chegada da BR. podia significar a perda dessa calma. Podemos assim observar que uma mistura de sentimentos girava em torno da chegada BR-230 a Soledade.

3.4.1. É chegado o dia: A inauguração de uma BR.

Caminhado com os memorialistas, vamos tentando revelar uma cidade até então ignorada pela historiografia. “A história oral de uma cidade é tecida e retecida continuamente. O depoente, no caso, é o senhor do tempo, refazendo o que diz sobre o passado da cidade em cada vez que discorre sobre ele”. (PESAVENTO, 2007. p.20).

Inaugurada no ano de 1968, a chegada da Rodovia Transamazônica na cidade de Soledade foi recebida com grande festa, como conta o senhor Manuel Caetano: “A festa de inauguração foi uma festa muito grande que não cabia de tanta gente dentro de Soledade, nesse dia foi inaugurada a BR-230 e o prédio da prefeitura”.



(Fonte: Arquivo da Fundação Cultural Casarão Ibiapinópolis)

Apropriando-nos das representações imagéticas do período da construção e inauguração da BR-230 no trecho de Soledade, podemos observar a presença de alguns

elementos da vida cotidiana, conceitos, ideias, valores e sensibilidades vivenciadas e apropriadas por sujeitos históricos, na mesma medida em que desnaturalizam estas relações, percebendo-as em suas tensões e conflitos. Vale ressaltar que as fotografias da construção e inauguração da chegada da BR-230 em Soledade foram disponibilizadas pelo próprio Departamento Nacional de Estradas de Rodagem (DNER) ², tendo em vista a questões acerca do “discurso imagético”, onde se sabe que as imagens não são a prova do real mais sua representação, sendo assim as fotografias também serão usadas como reveladoras de tensões ligadas aos processos de elaboração de representações sociais, dessa forma as imagens de cidade são:

Representações, factíveis ou não, baseadas em cidades existentes, e elas descortinam para o historiador um panorama fascinante de rastros do passado. Elas são todas elas, marcas de uma cidade sensível que um dia se impôs ao olhar, à técnica e às emoções daqueles que as traduziram em imagem. (PESAVENTO, 2007, p. 22).

Ou seja, as fotografias têm por finalidade transmitir a ideia de desenvolvimento e melhorias vindas como a nova rodovia, mudanças que podem ser percebidas no modo de agir da população, que agora passa a observar a cidade de uma nova perspectiva.

Quando surge à ideia do Estado em planejar uma cidade consiste uma visão fixa em querer criar algo que funcione perfeitamente como um mecanismo.

Se hoje a presença do Estado na cidade é tão grande, isso tem também uma história vinculada às transformações sociais, econômicas políticas que ocorreram com a emergência do capitalismo. Na história da cidade, e do decorrer do século XVII que se esboça uma reviravolta na definição do poder urbano. (ROLNIK, 2012, p.59-60).

Vale ressaltar que as cidades imaginárias dos pensadores utópicos, não viraram realidade, “sua importância entretendo, reside no fato de expressarem claramente um programa de intervenção do Estado na cidade...” (ROLNIK, 2012, p.64). Ou seja, o Estado usa esse planejamento até hoje como do caso de Soledade, quanto ao projeto de construção da BR. por dentro da cidade. Essas ideias e representações ganham um novo significado ao

² Em 2001, o DNER foi substituído pelo DNIT, que significa Departamento Nacional de Infraestrutura de Transportes.

se misturarem com as especificidades locais, fazendo com que possamos retratar o padrão indenitário dessa cidade e conseqüentemente termos acesso às sensibilidades e às experiências vividas por seus habitantes.

3. 4.2. Um costume que se intensifica: O prazer da observação.

De acordo com as experiências dos relatos por nós aqui citados, descobrimos que a prática dos moradores de Soledade observarem a movimentação dos transportes, seja mesmo dentro das suas residências ou então reunidos amigos ou familiares em frente suas casas ou em algum lugar público, já era um costume de antes da chegada da BR-230, voltamos agora nossa atenção para buscar entender como ficou essa prática de observação depois da BR. já inaugurada, para isso vamos mais uma vez dar voz a nossos memorialistas:

Ficou bem melhor agora sem a terra, aumentou o duplo né! O número de pessoas. A diferença é muito grande porque o camarada saía daqui, vamos dizer pra Campina Grande, e gastava mais de uma hora e meia de viagem, e hoje com quarenta minuto o camarada já tá em Campina. Você saía daqui para Juazeiro do Ceará, era dois dias de viagem na terra né. E hoje o camarada sai de seis horas da manhã quando for meio dia já está em Juazeiro do Ceara né. Com a BR. aumentou o número de pessoa a olhar os carros, ainda hoje de 3 para quatro horas da tarde eu me sento na porta de casa e fico olhando os carros pra lá e pra cá, pra lá e pra cá. Melhorou tudo né. (ERASMO MENDES. 2014).

De acordo com a citação do Senhor Erasmo, podemos notar que mais do que a questão econômica, muitas vezes citada pelo senso comum como sendo o único benefício fomentado com a chegada da BR-230, a vinda dessa rodovia representou um grande impacto na sensibilidade desses moradores, tendo em vista que a observação dos transportes agora poderia ocorrer não mais com a presença da poeira que tanto incomodava os espectadores, bem como as viagens a outros municípios aconteceriam agora com mais comodidade e em menor tempo.

Vamos assim respondendo algumas das nossas inquietações levantadas nessa pesquisa, entendendo que a antiga estrada de rodagem que começou a ser construída em 1915 e inaugurada no ano de 1919 mais adiante veio a se tornar o caminho por onde a BR-230 vai ter acesso ao município de Soledade. Verificamos aqui de acordo com as memórias dos nossos colaboradores que o costume surgido ainda na época da estrada de rodagem, teve sua identificação com a vinda da BR-230. “Oxe até hoje (risos) eu quando não tenho nada para

fazer vou para rua ficar vendo os carros passar, oitenta e quatro anos, de vez de ficar em casa cochilando, vou para rua ficar olhando os carros e conversando”. (MANUEL CAETANO SOUTO NETO. 2013).



(Fonte: Arquivo da Fundação cultural Casarão Ibiapinópolis)



(Fonte: Arquivo da Fundação cultural Casarão Ibiapinópolis).

Vale ressaltar que mesmo com a BR-230 já em Soledade, havia um seguimento que não recebeu pavimentação asfáltica, a chamada pista pelos nossos colaboradores, ficando assim a BR. por um período apenas com um calçamento feito pela prefeitura com paralelepípedos. Como descreve o Senhor MANUEL: “Bem ai com a BR. o asfalto ficou até ali na ponte do Riacho lava pés, e voltando ali onde é o posto de Assis.” (MANOEL CAETANO DE SOUTO NETO. 2013).

A vinda da pavimentação completa faz parte de uma solicitação feita pelo Prefeito municipal de Soledade José Bento Leite Nascimento ao DENIT na Paraíba, (Departamento Nacional de Infraestrutura) no ano de 2013.



(Fonte: Arquivo pessoal tirada em 2013/2014)

Cabe aqui pontuar, como bem fez a historiadora graduada pela UEPB, Roberta Souto Lima Araújo, no ano de 2004 como seu trabalho monográfico intitulado; SOLEDADE-PB: Um patrimônio ameaçado; que a BR-230 apesar de ser entendida por parte da população soledadense como produtora do crescimento econômico, também é a responsável por grande parte da perda do patrimônio local, tendo em vista que por causa da rodovia que cruza a cidade, alguns prédios começaram a ser remodelados sem levar em conta seus detalhes arquitetônicos. É importante destacar, no entanto, que não estamos aqui querendo negar ou afirmar se o crescimento da urbe de Soledade está ou não relacionado às ligações comerciais possibilitadas pela rodovia, visto que nosso trabalho não tem como proposta fazer juízo de valor em relação às melhorias econômicas da cidade com a chegada da BR-230.

Em suma, buscamos aqui responder alguns dos questionamentos que foram propostos nessa pesquisa. Percebemos de acordo com as memórias dos nossos colaboradores

que o costume por nós analisado, teve seu surgimento ainda na época da antiga estrada de rodagem. Verificamos também que segundo os relatos por nós levantados, que esse hábito dos moradores reunirem-se para conversar enquanto observavam a movimentação dos carros seja em dentro de suas casas ou em algum local público como suas calças ou mesmo da praça municipal foi apenas intensificado com a vinda da BR- 230.

Não estamos, no entanto, aqui afirmando que esgotamos todas as possibilidades de investigação sobre a nossa temática, pelo contrario, queremos que o nosso trabalho venha servir de motivação para que outras pesquisas relacionadas ao campo temático das cidades possam ser realizadas, em especial no nosso lugar de investigação que é o município paraibano de Soledade.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Mas a cidade não conta o seu passado, ela o contém como as linhas da mão, escrito nos ângulos das ruas, nas grades das janelas, nos corrimões das escadas, nas antenas dos para-raios, nos mastros das bandeiras, cada segmento riscados por arranhões, serradelas, entalhes, esfoladuras. (CALVINO, 1993, p.14-15 apud MARIANO, 2010. p.35).

Soledade também contém seu passado. “Um passado que é retratado nas histórias contadas por seus moradores” (MARIANO, 2010.p.35). Nas páginas que antecedem essas considerações finais, procuramos revelar como a construção da estrada de rodagem e a chegada da BR. 230 foram sentidas pela população de Soledade- PB, dentro do recorte temporal de 1919 e 1968. Rastreamos indícios ligados à temática em questão, trabalho esse que não foi fácil. Procuramos fazer uso de fontes variadas, a exemplo dos depoimentos orais, fotografias, e algumas produções historiográficas produzidas sobre o mesmo espaço social por nós estudado, tendo em vista que foi a partir do diálogo com essas fontes que buscamos trazer para as discussões atuais tendo como objeto de estudo a urbe de Soledade, entendendo a cidade é um espaço de lutas, desejos e utopias, e tem uma longa história.

Embora com todo esforço, no sentido de tentar realizar um estudo que possa vir a contribuir aos estudos historiográficos sobre a temática das cidades, não tivemos em nem um instante a pretensão de escrever um trabalho infalível, e que dê por acabada a temática abordada, ao contrário, aguardamos que o presente trabalho possa contribuir com a historiografia das cidades, especialmente com a historiografia das cidades paraibanas, e que motive vários outros trabalhos de pesquisa, e dessa forma, revele as histórias urbanas que se encontram a espera de historiadores para pesquisa-las.

Nessa forma, chegamos ao final (ainda que provisório) desse trabalho, com dúvidas e inquietações, porém, certos de que ainda existe muito a se pesquisar sobre a cidade de SOLEDADE-PB, visto que, seria impossível, recuperar toda a história de uma cidade em uma única pesquisa, nosso propósito é de nos juntarmos a historiadores tais como os citados nesse trabalho, para que assim possamos cada vez mais historicizar o cotidiano dos habitantes da urbe em questão. Como afirma Matos:

O historiador do cotidiano tem como preocupação restaurar as tramas de vidas que estavam encobertas, procurar no fundo da história figuras ocultas, recobrar o pulsar no cotidiano, recuperar sua ambiguidade e a pluralidade de possíveis vivências e interpretações, desfiar a teia de relações cotidianas e suas diferentes dimensões de experiência, fugindo dos dualismos e polaridades e questionando as dicotomias (MATOS, 2002, p.26).

A nossa inquietação maior nesse trabalho foi de questionarmos a chegada de dois empreendimentos na cidade, e o impacto que tais chegadas ocasionaram na sensibilidade dos Soledadenses. Dessa forma, buscamos realizar uma abordagem ampla, ou seja, não nos detemos em fazer uma descrição detalhada do dia a dia das pessoas que viveram em Soledade dentro da temporalidade por nós pesquisada, tendo em vista que abrange um período muito longo. No entanto, “a tarefa do historiador é imensa, necessariamente incompleta, pois os enigmas sempre exigirão novas leituras, dependendo do tempo e do espaço em que são/foram/serão produzidos” (REZENDE apud. SILVA, 2013).

Contudo, como afirma Calvino (apud Mariano, 2010), não devemos confundir uma cidade com o discurso que a descreve, dessa forma o historiador, por meio do contato com os rastros que ficaram de outros tempos, busca reconstruir no presente as cidades que existiram no passado.

Buscamos nessa pesquisa encontrar fontes que apresentem respostas a nossas perguntas sobre a cidade de Soledade, perguntas essas que procuram entrar a cidade visível e a cidade sensível.

REFÊRENCIAS BIBLIOGRAFICAS

ALBERTI, Verena. “Fontes orais. Historia dentro da Historia”. IN: PINSKY, Carla Bassanezi (org.) **Fontes Históricas**, São Paulo: contexto, 2008. (p.155-202).

BARROS, José D’Assunção. **História e memória – uma relação na confluência entre tempo e espaço**. MOUSEION, vol. 3, n.5, Jan-Jul/2009.

BARROS, José D’ Assunção. **História Política – o estudo historiográfico do poder, dos micropoderes, do discurso e do imaginário político**. EducereetEducare – Revista de Educação. nº4, nº1. 1º semestre de. 2009.

BOSI, Ecléa. **Memoria e Sociedade-Lembrança dos velhos**. 11. Ed. São Paulo: Companhia das letras, 2004.

BRESCIANNI, Maria Stella. “Cidades e História”. In: OLIVEIRA, Lúcia Lippi, (org) **Cidades: historia e desafios**. Rio de Janeiro: Ed Fundação Getúlio Vargas, 2002. (p.16-35).

BURKE, Peter. “Abertura: a nova história, seu passado e seu futuro”. IN: **A escrita da história novas perspectivas**. Tradução Magda Lopes. São Paulo. Ed. Universidade Estadual Paulista. 1992. p.07-38.

CERTEAU, Michel de. “Caminhando pela cidade”. IN: **A invenção do cotidiano: 1 . Artes de Fazer** 18 ed, Tradução de Ephrain Ferreira Alves . Petrópolis. RJ: Vozes, 2012. p. 157-181.

CHARTIER, Roger. “Introdução. Por uma sociologia histórica das práticas culturais.” In: **A História Cultural entre práticas e representações**. Col. Memória e sociedade. Trad. Maria Manuela Galhardo. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1988, p. 13-28.

GINZBURG, Carlos. “Sinais: raízes de um paradigma indiciário.” In: **Mitos, emblemas, sinais**. 2 ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.p.143-179.

HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva**. Tradução de Laurent Léon Schaffter. São Paulo, Edições vértice. Ed. Revistas dos tribunais. 1990.

HUNT, Lynn. “Apresentação: história, cultura e texto”. IN: **A nova História Cultural**. tradução Jefferson Luiz Camargo.- 2ed. São Paulo: Martins Fontes. 2001. p.01-29.

IBGE: Enciclopédia dos Municípios Brasileiros XVII. Volume. Rio de Janeiro 1960. Planejada e Orientada por Jurandyr Pires Ferreira.

LE GOFF, Jacques. “**Documento/ Monumento**”. In: Enciclopédia Einaudi, v: 1: Memória – História, S/L (Portugual), Imprensa Nacional/ Casa da Moeda. 1984.

MARIANO, Serioja Rodrigues Cordeiro. “**Signos de confronto? O arcaico e o Moderno na cidade de Princesa (PB) na Década de 1920**”. Joao Pessoa: Editoria da UFPB. 2010.

MATOS, Maria Izilda Santos de. **Cotidiano e cultura: história, cidade e trabalho**. Bauru SP: EDUSC, 2002

MEIHY, J. C. S. B. HOLANDA, Fabíola. “História oral”. **Como fazer, como pensar**. São Paulo: Contexto, 2007.

NÓBREGA FILHO, Inocência Nóbrega. **Malhadas das Areias Brancas ou história de uma cidade**. Fortaleza: Escola Tipográfica. São Francisco, 1974.

NORA, PIERRE. **ENTRE MEMÓRIA E HISTÓRIA: A problemática dos lugares**. São Paulo. Projeto Histórian.10. 1993. P. 07-28.

PAIVA, Eduardo França. **História & imagens**. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2006. (Coleção: História & Reflexões).

PEREIRA, José Tiago Marinho. “**Dos Espaços que seduzem à arte de morar na cidade: Os caminhos que levam a Soledade**”. In: “Memórias de Soledade: Da Belle Èpoque aos Anos Dourados.” Campina Grande, 2010. p. 45-63.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. **História & História Cultural**. 2. ed. Belo Horizonte: Autentica, 2008.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. **Cidades visíveis, cidades sensíveis, cidades imaginárias**. São Paulo: ANPUH, 2007.p.07-23.

POLLAK, Michael. **Memória, esquecimento, silêncio.** *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro: Ed. Vértice, n.3, p.3-15, 1989

ROLNIK, Raquel. **O que é cidade.** 4ª edição. São Paulo: Editora Brasiliense, 2012. (Coleção Primeiros Passos; 203).

Revista Campinense de Cultura. Ano II- Junho de 1965- nº IV. Epitácio em Campina-Elpídio de Almeida. Pag.09-25.

RICOEUR, Paul. **A memória, a história, o esquecimento.** Tradução de Alain François (et al). Campinas- SP: Editora da UNICAMP, 2007.

SILVA, Josinaldo Gomes da. “Cidades culturas e fontes: um novo percurso pela historiografia do interior paraibano”. IN: ___ ARANHA, Gervácio Batista. (org). **Epistemologia, historiografia e linguagens.** Campina Grande, EDUFCEG, 2013. p.174-203.

APÊNDICE

Questionário das entrevistas orais.

1. O (a) Senhor (a) lembra como era a estrada antes da chegada da BR-230?
2. Nesse tempo ainda da estrada de terra, o (a) senhor (a) gostava de ficar olhando na rua ou mesmo de sua casa o movimento nos transportes? E como era essa movimentação?
3. Como o (a) senhor (a) já tinha essa prática de ficar olhando essa movimentação de carros, e depois da chegada da BR-230 o (a) senhor (a) continuou esse costume? Via mais as pessoas ficarem mais nas calçadas das casas ou mesmo na rua olhando os carros passarem?
4. O caminho que foi construído a Br. aqui em Soledade era o mesmo dessa antiga estrada de terra? Sempre passou pelo centro da cidade?
5. Quando o (a) senhor (a) ouviu que a BR. ia passar por Soledade qual foi sua primeira reação acreditou que isso fosse acontecer? Ou pensou que seria apenas promessa?
6. O (a) senhor (a) lembra-se do dia da Inauguração da BR-230 aqui em Soledade? Teve uma festa? Estava presente?

Colaboradores / Memorialistas:

Colaborador (a): Manoel Caetano de Souto Neto

Data de nascimento: 17-12-1929

Entrevista realizada no dia: 03-02-2013

Entrevistadora: Ana Carolina de Araújo Marinho

Colaborador (a): Maria do Carmo Gouveia

Data de nascimento: 18-09-1938

Entrevista realizada no dia: 02-04-2014

Entrevistadora: Ana Carolina de Araújo Marinho

Colaborador (a): Erasmo Mendes

Data de nascimento: Idade 85 anos

Entrevista realizada no dia: 03-04-2014

Entrevistadora: Ana Carolina de Araújo Marinho

Colaborador (a): Joanita de Oliveira

Data de nascimento: 24- 07- 1922

Entrevista realizada no dia: 05-04-2014

Entrevistadora: Ana Carolina de Araújo Marinho